

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ANA CLARA BARROS COQUEIRO

**ESTUDO PRELIMINAR PARA A REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA DA CONQUISTA
NO BAIRRO DO COROADÓ EM SÃO LUÍS**

SÃO LUÍS
2018

ANA CLARA BARROS COQUEIRO

**ESTUDO PRELIMINAR PARA A REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA DA CONQUISTA
NO BAIRRO DO COROADÓ EM SÃO LUÍS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão como requisito
para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura
e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Thais Trovão dos
Santos Zenkner.

SÃO LUÍS
2018

Coqueiro, Ana Clara Barros.

Estudo preliminar para a revitalização da Praça da Conquista no bairro do Coroado em São Luís. / Ana Clara Barros Coqueiro. - São Luís, 2018.

101 f.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Thais Trovão dos Santos Zenkner.

Monografia (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

1. Revitalização. 2. Praças. 3. Bairro do Coroado. I. Título.

CDU: 712.254(812.1)

ANA CLARA BARROS COQUEIRO

**ESTUDO PRELIMINAR PARA A REVITALIZAÇÃO DA PRAÇA DA CONQUISTA
NO BAIRRO DO COROADÓ EM SÃO LUÍS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão como requisito
para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura
e Urbanismo.

Aprovado em São Luís – MA, ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Thais Trovão dos Santos Zenkner (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Grete Soares Pflueger
Universidade Estadual do Maranhão

Edelcy Araujo Ferreira
Arquiteta e Urbanista

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a Deus que me permitiu chegar até aqui e me deu forças para concluir esse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Leide e Valdimir, que, com muito amor e sacrifício, me deram uma educação que me permitiu chegar até aqui e concluir a faculdade, sempre me dando apoio e incentivo nos momentos de dificuldade.

Sou grata ainda à minha irmã, Ana Cecília, aos meus avós, tios e tias, e primos e primas que me ajudaram direta ou indiretamente em vários momentos deste trabalho.

Um agradecimento especial à professora Thais Zenkner, que se disponibilizou para me orientar com grande maestria, conhecimento e dedicação.

Sou grata pela oportunidade de ter estudado na Universidade Estadual do Maranhão que, por meio de todos os ensinamentos passados pelo corpo docente, pude compreender a grande importância e valor que a arquitetura e o urbanismo têm para as pessoas e para a cidade.

Agradeço também aos moradores do Coroadó que separaram um tempo para responder ao questionário proposto, onde foi possível entender suas necessidades e anseios e que espero, profundamente, que esse trabalho possa contribuir para a melhoria do bairro.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”

(José de Alencar)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor um estudo preliminar para a revitalização da Praça da Conquista, localizada no bairro do Coroadó, a fim de oferecer um bom espaço de encontro e lazer para os moradores e, conseqüentemente, reverter a situação de degradação e abandono da área. Para isso, foram estudados os conceitos e a importância dos espaços públicos para a vitalidade urbana. Em seguida, foi feito um recorte histórico sobre as praças e as funções que desempenham na cidade. Foram apresentadas algumas definições sobre o termo revitalização, apontando cinco exemplos de praças revitalizadas em várias cidades. Posteriormente, foi abordada a história do bairro do Coroadó e depois fez-se uma análise da área de intervenção e seu entorno. Através dos resultados dos diagnósticos, do questionário respondido pelos moradores do bairro e do estudo de algumas referências projetuais de praças, foi montado o programa de necessidades para o projeto de revitalização da Praça da Conquista. Pensando em proporcionar um espaço público mais agradável para as pessoas, o resultado desse estudo é apontado na proposta geral da intervenção, que foi apresentada no fim deste trabalho.

Palavras-chave: Revitalização. Praças. Bairro do Coroadó.

ABSTRACT

This work aims to propose a preliminary study for the revitalization of Conquista Square, located in the neighborhood of Coroado, in order to offer a good space for meeting and leisure for residents and consequently to reverse the degradation and abandonment situation of the area. To do so, the concepts and the importance of public spaces to urban vitality were studied. Then, a historical cut was made about squares and the functions they play in the city. Some definitions have been presented about revitalization, pointing out five examples of revitalized squares in several cities. Afterwards, the history of the neighborhood of Coroado was approached and an analysis of the area of intervention and its surroundings was made. Through the results of the diagnoses, the questionnaire answered by the residents of the neighborhood and the study of some square's design references, the needs program for the revitalization project of Conquista Square was set up. Thinking about providing a more pleasant public space for people, the result of this study is pointed out in the intervention's general proposal, which was presented at the end of this paper.

Keywords: Revitalization. Squares. Coroado neighborhood.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reconstituição do fórum romano.....	15
Figura 2 – Ágora grega.....	15
Figura 3 – Antes e depois do fechamento da Times Square para pedestres	18
Figura 4 – Viaduto Minhocão de São Paulo	19
Figura 5 – Diagrama para avaliação de espaços públicos	21
Figura 6 – 12 critérios para bons espaços públicos	22
Figura 7 – Parque Lago das Rosas em Goiânia.....	24
Figura 8 – Jardim Botânico de Curitiba	24
Figura 9 – Balanços musicais em Montreal.....	25
Figura 10 – Ciclo das calçadas e ruas seguras	26
Figura 11 – Reconstituição da Ágora de Atenas - século II a.C	29
Figura 12 – Layout da Piazza del Campo.....	30
Figura 13 – Piazza del Campo	30
Figura 14 – Layout da Place des Vosgues.....	31
Figura 15 – Place des Vosgues, Paris.....	31
Figura 16 – Implantação da Plaza Mayor	32
Figura 17 – Plaza Mayor de Madrid - Espanha	32
Figura 18 – Planta da cidade de São Luís em 1660.....	34
Figura 19 – Praça XV de novembro, Rio de Janeiro	35
Figura 20 – Pátio do Colégio, São Paulo.....	36
Figura 21 – Praça Paris em 1955, Rio de Janeiro.....	37
Figura 22 – Praça da República, Belém.....	38
Figura 23 – Planta da Praça Euclides da Cunha.....	39
Figura 24 – Planta da Praça Ministro Salgado Filho	39
Figura 25 – Centro Empresarial Itaú Conceição, São Paulo	41
Figura 26 – Praça Itália, Porto Alegre – RS.....	43
Figura 27 – Praça em Teresópolis, RJ	44
Figura 28 – Praça Maria Aragão, São Luís	44
Figura 29 – Praça Victor Civita, São Paulo	44
Figura 30 – Praça dos Cristais, Brasília	44
Figura 31 – Praça do Japão, Curitiba - PR.....	45
Figura 32 – Dimensões de Intervenção da Revitalização Urbana.....	50

Figura 33 – Antes e depois da reforma do Bryant Park, Nova York	53
Figura 34 – Bryant Park, com a Biblioteca Pública de Nova York ao fundo	54
Figura 35 – Implantação do Metropol Parasol	55
Figura 36 – Vista do Metropol Parasol	55
Figura 37 – Localização da Praça Victor Civita	56
Figura 38 – Praça Victor Civita	56
Figura 39 – Praça Bom Jesus	58
Figura 40 – Destaque para a estátua Mae d'Água	59
Figura 41 – Fonte de Água na Praça D. Pedro II.....	59
Figura 42 – Mapa da delimitação do Coroado.....	61
Figura 43 – Rua alagada pelas chuvas	64
Figura 44 – Rua coberta por vegetação	64
Figura 45 – Praça do Mururu.....	65
Figura 46 – Parte da Praça da Conquista	65
Figura 47 – Mapa da hipsometria local.....	67
Figura 48 – Mapa de usos.....	68
Figura 49 – Mapa de vias	70
Figura 50 – Mapa da estrutura existente	71
Figura 51 – Quadro da estrutura existente	71
Figura 52 – Condições da estrutura existente	72
Figura 53 – Mapa das condições ambientais	73
Figura 54 – Mapa de apropriações durante a semana	74
Figura 55 – Mapa de apropriações no final de semana	74
Figura 56 – Praça Colinas de Anhanguera.....	80
Figura 57 – Praça Grevelingenveld	82
Figura 58 – Quadro do Programa de Necessidades	84
Figura 59 – Processo criativo	85
Figura 60 – Planta da setorização	86
Figura 61 – Planta de acessibilidade e permeabilidade	88
Figura 62 – Planta do mobiliário	89
Figura 63 – Planta da proposta geral do projeto	91
Figura 64 – 3D da proposta geral.....	92
Figura 65 – Perspectivas da praça	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados	75
Gráfico 2 – Necessidade de espaços de lazer	76
Gráfico 3 – Utilização da praça	76
Gráfico 4 – Estado de conservação da praça.....	76
Gráfico 5 – Problemas que a praça apresenta.....	77
Gráfico 6 – Possibilidade de projeto de revitalização	77
Gráfico 7 – Utilização da quadra de esportes.....	78
Gráfico 8 – Necessidade de reforma da quadra.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS	15
2.1	Conceituando espaço livre público e sua importância	16
2.2	Características de espaços públicos bem-sucedidos	20
2.3	Tipos de espaços livres públicos	23
3	AS PRAÇAS E A DIVERSIDADE DE USOS	27
3.1	Conceito e evolução histórica	27
3.1.1	Contextualização das praças brasileiras	33
3.2	As funções da praça	42
3.3	Revitalização de praças	47
3.3.1	Análise do termo e tópicos relevantes.....	49
3.3.2	Exemplos de praças revitalizadas	52
3.3.2.1	Bryant Park - Nova York, NY	53
3.3.2.2	Plaza de la Encarnación – Sevilha, Espanha	54
3.3.2.3	Praça Victor Civita – São Paulo, SP	56
3.3.2.4	Praça Bom Jesus – Anápolis, GO	57
3.3.2.5	Praça Dom Pedro II – São Luís, MA.....	59
4	A PRAÇA DA CONQUISTA NO BAIRRO DO COROADO	61
4.1	Localização e contexto histórico do bairro	61
4.2	Metodologia de estudo	65
4.3	Delimitação da área de intervenção e análise do entorno	66
4.3.1	Mapa da hipsometria local.....	67
4.3.2	Mapa de usos.....	68
4.3.3	Mapa de vias	69
4.4	Leitura e diagnóstico da praça	70
4.4.1	Mapa da estrutura existente	70
4.4.2	Mapa das condições ambientais	72
4.4.3	Mapa de apropriações.....	73
4.5	Pesquisa de opinião	75
5	ESTUDO PRELIMINAR	79
5.1	Referências projetuais	79
5.1.1	Praça Colinas de Anhanguera – Santana da Parnaíba, SP	79

5.1.2	Praça Grevelingenveld – Haia, Holanda.....	81
5.2	Proposta para a intervenção	83
5.2.1	Programa de necessidades.....	83
5.2.2	Setorização	85
5.2.3	Acessibilidade e permeabilidade	87
5.2.4	Mobiliário	89
5.2.5	Proposta geral	90
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS.....	96
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS MORADORES	100

1 INTRODUÇÃO

Os espaços livres públicos sempre constituíram uma grande significância para a expressão da vida coletiva de uma cidade, onde sua função central é servir como ponto de encontro para os habitantes. Em seu sentido mais amplo, caracterizam-se como todo e qualquer local não edificado destinado à livre utilização das pessoas, por exemplo, as ruas, calçadas, praças e parques urbanos. São locais que desde a antiguidade, serviram de palco para as manifestações sociais, tais como as festas e os protestos políticos.

No entanto, em São Luís – MA, observa-se que esses espaços não são bem utilizados pelos cidadãos, o que contribui para um número relativamente alto de áreas obsoletas, mal frequentadas e inseguras. Alguns problemas enfrentados pela sociedade atualmente podem explicar o esvaziamento dessas áreas, por exemplo o rápido avanço da urbanização e o seu processo excludente e a criação de novas alternativas de esporte e lazer, em sua maioria privadas e com acesso restrito.

Outro exemplo que elucida a desestruturação dessas áreas é a falta de investimentos públicos aliada à pouca oferta de equipamentos de qualidade. Observa-se que os espaços existentes, principalmente as praças de bairro, são locais com poucos atrativos e que não atendem às necessidades da população. Conseqüentemente, se as pessoas não se identificam com esses espaços e não se sentem convidadas para frequentá-los, eles estarão sempre vazios.

O Coroadó, um bairro popular da cidade de São Luís – MA, originado na década de 1970, é uma amostra de comunidade que possui espaços públicos de lazer, mas por não oferecer bons elementos que estimulem o uso, resultaram em locais degradados, subutilizados e sem segurança. Atualmente, o bairro conta com duas praças e quadra de esportes, mas que deixaram de cumprir sua função social.

Assim, a escolha do bairro, em especial a Praça da Conquista, como objeto de estudo deu-se pelos seguintes motivos: pela autora deste trabalho ter morado na região por 20 anos e conhecer suas potencialidades e fragilidades, por perceber a falta de cuidados do poder público com o bairro e a necessidade de bons espaços públicos adequados para o entretenimento das crianças, jovens, adultos e idosos. A praça não oferece condições para vivência social, pois se apresenta degradada, com a pavimentação danificada, a vegetação sem manutenção e muitas áreas inseguras para a permanência no local. A única quadra de esportes existente no bairro está

deteriorada por falta de investimentos e conscientização da população, comprometendo o uso e a sua preservação. Não possui vestiários e banheiros, a pintura está desgastada e o mobiliário enferrujado. A partir daí, percebeu-se a necessidade de intervenções na Praça da Conquista, que possa sanar os problemas citados.

Vendo a falta de uma infraestrutura de lazer de qualidade e sabendo que sua presença é importante para a vida urbana, o presente trabalho tem como objetivo geral, por meio de um estudo preliminar, a elaboração de uma proposta de revitalização na Praça da Conquista no bairro do Coroadó junto à quadra, integrando equipamentos funcionais de esporte e lazer para o livre acesso da comunidade.

Para os objetivos específicos pretende-se definir o termo espaço livre público, apresentando os tipos e características. Em seguida, contextualizar e conceituar o elemento morfológico praça, destacando suas funções e a importância desses espaços para a vitalidade urbana, além de compreender o significado do termo “revitalização”. Ademais, pesquisar sobre a história e evolução do Coroadó, identificando suas demandas por espaços públicos no bairro e, por fim, apresentar as análises de avaliação feitas na Praça da Conquista e seu entorno, resultando em uma proposta de intervenção com as soluções para revitalizar a área.

Em relação à metodologia, estabeleceu-se três fases para o desenvolvimento deste trabalho. A primeira consiste na pesquisa bibliográfica para obter referências teóricas e dar consistência ao que será discutido no decorrer dos capítulos, onde destaca-se os termos espaços públicos voltados ao lazer e esporte, bem como sua importância para a cidade e qualidade de vida as pessoas e o elemento morfológico, a praça.

A segunda etapa firma-se na pesquisa de campo, com as medidas e levantamento fotográfico da área em estudo, assim como em questionários enviados à comunidade para obter informações sobre o cenário atual da região. E a última fase propõe um programa de necessidades e um estudo preliminar para a revitalização da Praça da Conquista, a fim de reverter a situação de abandono e degradação dessa área, possibilitando à comunidade do Coroadó um espaço público de qualidade.

A fim de alcançar o objetivo principal, esta monografia estrutura-se em 6 capítulos, sendo a introdução o primeiro deles. No segundo capítulo, são explorados os conceitos, as características e exemplos de espaços livres públicos, com destaque para os princípios e importância de tê-los nas cidades. Entre os principais autores

usados como referência estão os defensores de cidades para pessoas, como Jane Jacobs (2000) e Jan Gehl (2014).

No capítulo 3, são aprofundadas as definições do elemento praça, a sua origem, uma contextualização histórica das praças no mundo e no Brasil, além de citar suas funções e variações dentro da cidade através de exemplos. Ademais, em um subcapítulo, é abordado o termo “revitalização”, bem como seus benefícios e referências de intervenções bem-sucedidas em espaços públicos. Para ajudar na elaboração do capítulo, os principais teóricos estudados foram Alex Sun (2011) e seu estudo de praças, Lúcia Leitão (2002) com o seu manual de intervenção em praças, Caldeira (2007) e Robba e Macedo (2002) com as profundas análises sobre espaços públicos, em especial as praças.

O quarto capítulo apresenta uma breve história sobre o surgimento e evolução do bairro do Coroadó. Baseado nas observações locais, em seguida, são expostos os estudos e diagnósticos sobre a Praça da Conquista e sua região de entorno, feitos com o auxílio de guias e manuais para o planejamento de espaços públicos, servindo de base para a elaboração do estudo preliminar, que é o objetivo geral do presente trabalho.

O conteúdo do capítulo 5 expõe duas referências projetuais, que serviram de parâmetro na concepção do projeto, um programa de necessidades, algumas análises, conversas com os moradores locais e, por fim, a produção final do estudo preliminar, que é a proposta geral de intervenção na Praça da Conquista. No sexto capítulo são discorridas as considerações finais, com uma síntese do que foi feito no trabalho, as conclusões dos resultados a respeito do tema proposto e recomendações para futuros trabalhos.

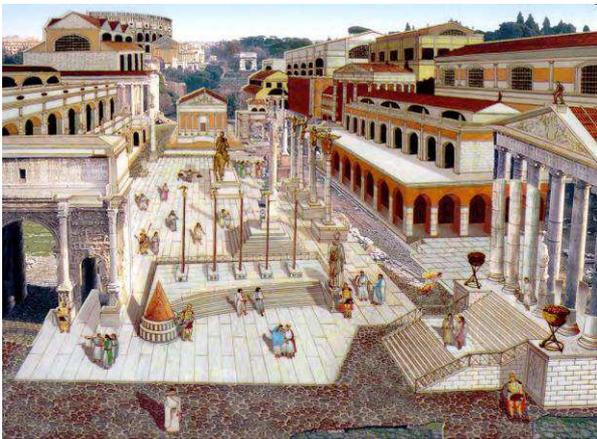
2 ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS

Os espaços públicos sempre estiveram presentes desde o início da formação das cidades, contribuindo para o desenvolvimento das mesmas. Esses locais eram utilizados em diversas ocasiões, entre elas as reuniões e discussões políticas, religiosas, negociações mercantis e até mesmo para competições de jogos.

Na civilização romana, o fórum era o principal local de manifestação pública da cidade. No seu meio ocorriam os encontros políticos, trâmites comerciais e apresentações esportivas. Com uma arquitetura imponente composta de arcos e colunas, era integrado à malha urbana por meio das delimitações dos edifícios institucionais, religiosos e de mercadorias (CALDEIRA, 2007).

A Ágora era o espaço público mais importante da civilização grega onde a população se reunia. Era contornada por prédios públicos e administrativos e representava o local onde “os cidadãos livres exerciam a política, por meio da ação e do discurso. A palavra era compartilhada, e decisões eram estabelecidas. A vida pública manifestava-se nesse espaço” (CALDEIRA, 2007, p. 17).

Figura 1 – Reconstituição do fórum romano



Fonte: CALDEIRA, 2007, p. 19

Figura 2 – Ágora grega



Fonte: Conceito.de, 2012¹

A autora explica que estudar os espaços públicos, permite compreender as variadas formas e funções que possuem e o que proporcionam para as cidades. Além disso, mostra que esses locais são pertinentes na organização da urbe, ajudando a compor sua morfologia própria.

¹ Conceito.de. **Conceito de ágora**. 2012. Disponível em: <<https://conceito.de/agora>>. Acesso em: 04 out. 2018.

Por representar um assunto complexo, as discussões a respeito do espaço público são muitas. Estes foram e continuam sendo objeto de estudo para diversos autores, principalmente na tentativa de atribuir conceitos, explicar suas variações e qual a relevância para a qualidade de vida nas cidades e para seus habitantes. Por isso, esse e outros aspectos serão abordados nos próximos tópicos.

2.1 Conceituando espaço livre público e sua importância

Os espaços livres públicos são significativos para a configuração da paisagem de uma cidade. Muitas vezes são associados às praças e parques, restringindo-os apenas à função lazer. E por apresentar um conteúdo extenso, “muitas são as acepções que podem ser dadas a este conjunto de palavras [...]” MACEDO (1995, p. 15).

Dessa forma, Leitão (2002, p. 17) explica que “na filosofia, por exemplo, a noção de espaço público está associada à ideia de expressão do pensamento, do direito à palavra, da construção do argumento através do exercício do discurso livre [...]”.

A autora continua discutindo sobre o assunto no âmbito da sociologia, em que os espaços públicos são marcados pelo encontro com o outro. O local reforça os laços sociais, possibilita a convivência entre os diferentes e, conseqüentemente, determina uma civilização.

Percebe-se que espaço público é um conteúdo muito discutido entre os profissionais que estudam o urbanismo e áreas afins. Sendo assim, é um termo que possui diversos conceitos, explicados por vários autores e depende de qual área teórica se estuda.

Na área do urbanismo, os estudos sobre os espaços públicos prevaleceram a partir da década de 1960, após as retratações de Merlin e Choay sobre o “insucesso do urbanismo no movimento moderno” (apud LEITÃO, 2002, p.17). Isso se explica com a construção de áreas públicas que dificultavam o uso pelas pessoas por se apresentarem em escalas demasiadas, por exemplo, as superquadras e avenidas de Brasília.

Partindo desse pressuposto, os estudos sobre o espaço público se tornaram constantes entre arquitetos e especialistas na área do urbanismo. Muitas definições

acerca do tema foram elaboradas, a fim de se definir uma explicação concisa sobre o seu significado e importância, tornando-se cada vez mais presentes nas cidades.

Vale ressaltar que o intuito deste tópico é explicar os conceitos relacionados aos espaços livres públicos, especificamente. Livres como “todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho” (MACEDO, 1995, p. 16) e públicos, porque são abertos e de fácil acesso, destinados a utilização pelos habitantes dentro de uma cidade (ALEX, 2011).

Concordando com os autores citados, Leitão (2002) chama atenção para a diferenciação entre espaços públicos e privados, onde o primeiro é acessível a todos, enquanto o segundo delimita-se a determinados grupos de uma sociedade. A mesma explica que não se deve confundir também os termos espaços públicos com espaços coletivos, pois estes últimos se configuram como lugares fechados, que condicionam o acesso a grupos específicos determinados pela renda, por exemplo os *shoppings centers*.

Dessa forma, Sun Alex diz que os espaços públicos de uma cidade são variados em suas formas e tamanhos. Afirma que podem ser desde uma calçada até uma paisagem vista da janela, abrangendo “lugares designados ou projetados para o uso cotidiano, cujas formas mais conhecidas são as ruas, as praças e os parques” (ALEX, 2011, p. 19).

Na mesma linha de pensamento, Dias e Esteves Júnior (2017, p. 637) explicam que esses espaços servem para “dar suporte à vida em comum e acolher manifestações e conflitos, encontros e intercâmbios, o imprevisto e o espontâneo, as festas e as celebrações e as identidades culturais”. Ou ainda, na visão de Macedo (1995), constituem-se simplesmente em locais destinados aos fluxos diários das pessoas, seja para ir ao trabalho ou para suas casas.

A oferta de bons espaços públicos é muito importante para a qualidade das cidades. Eles têm o grande poder de influenciar articulações sociais entre os habitantes, e a forma como se apresentam determinarão de que maneira serão utilizados, assim como o seu tempo de vida. Macedo (1995, p. 24) diz que:

A duração - vida útil - de um determinado espaço livre urbano pelo tempo afora, está diretamente vinculada a possibilidade constante de apropriação que este permite ao seu público usuário. Quanto mais e melhor possa ser apropriado, desde que convenientemente mantido, maior vai ser sua aceitação social, e por mais tempo será mantida sua identidade morfológica.

Como diz o autor, para que estejam em constante utilização, os usuários precisam aceitá-los primeiro para depois iniciar o processo de apropriação, pois o seu uso significativo está diretamente relacionado à importância que se dá a eles. Levar em consideração o papel que estes espaços desempenham é um fator que possibilitará a vida coletiva nas cidades.

Assim como se caracterizam como espaços abertos, disponíveis ao acesso de todos, os espaços públicos se tornam importantes para as mais diversas expressões de vida coletiva. Na afirmação de Gehl (2014, p. 68) “a cidade viva realmente precisa é de uma combinação de espaços públicos bons e convidativos e certa massa crítica de pessoas que queira utilizá-los”.

Figura 3 – Antes e depois do fechamento da Times Square para pedestres



Fonte: NUNES, C., 2013²

A Times Square foi fechada em 2009 com o intuito de se estabelecer mais espaços urbanos para os nova iorquinos. Alguns trechos da Avenida Broadway foram convertidos em calçadas e ciclovias priorizando os pedestres e ciclistas, dando a eles novas opções de lazer, e assim proporcionando mais vida àquele local. Mesas e cadeiras foram dispostas aleatoriamente nas ruas fechadas para que os pedestres, com o vai e vem incessante, pudessem parar para o descanso, possibilitando a permanência na área.

² NUNES, C. Página 22. **Mais vidas nas ruas.** 2013. Disponível em: <<http://pagina22.com.br/2013/10/09/mais-vidas-nas-ruas>>. Acesso em: 02 out. 2018.

No Brasil, o Minhocão de São Paulo caminha para o mesmo propósito de Nova York. Em 2017, a parte superior do viaduto foi transformada, aos finais de semana, em novas áreas de lazer para população promovendo caminhadas, passeios e espaço para ciclistas.

Figura 4 – Viaduto Minhocão em São Paulo



Fonte: BARROS, Mariana. 2015³

Para que a vida nos espaços públicos esteja sempre presente, é necessário que eles também permitam o desempenho de diversas funções. Essa análise é explicada por Moreno e Frois (2018) onde apontam que os espaços públicos devem dispor usos variados para que atraiam inúmeras pessoas e, assim, possam ser aproveitados amplamente e por mais tempo possível.

Por isso, Lima (2008, p.139) alerta que “destruir a multiplicidade de funções é destruir as possibilidades de espaços públicos preche de vida e significados”. Ou seja, isso estimulará o uso dos espaços públicos e garantirá que sejam usufruídos por diferentes grupos sociais e, como consequência, permitirá uma vitalidade significativa desses locais.

Outra questão a ser levada em consideração diz respeito à participação dos cidadãos desde o início da elaboração dos projetos de espaços públicos para as cidades. Isso é apontado na obra nomeada “Fazendo bons lugares para pessoas” uma

³ BARROS, Mariana. Veja. **Times Square mantém área exclusiva para pedestres e indica caminho ao Parque Minhocão em SP**. 2015. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/cidades-sem-fronteiras/times-square-mantem-area-exclusiva-para-pedestres-e-indica-caminho-ao-parque-minhocao-em-sp/>>. Acesso em: 02 out. 2018.

coleção de artigos publicados pela Centre for London, que cita princípios que ajudam a desenvolver espaços públicos conectados às pessoas. O projeto fala justamente sobre envolver a população “na concepção e gestão do espaço público. Os responsáveis por nossa esfera pública devem procurar formas - além das eleições municipais - de envolver os eleitores e usuários em seu desenvolvimento e manutenção” (BEN ROGERS, 2017, p. 26, tradução livre).

No entanto, quando isso não é reconhecido, os espaços públicos e seus respectivos usuários sofrem consequências negativas. Esse fato se reflete nas áreas públicas das cidades brasileiras em que se percebe a falta de compromisso dos governantes em gerar boas áreas de lazer e esporte para os habitantes, principalmente nas áreas periféricas, onde muitas se encontram em estado precário ou inexistentes. A administração pública, indiferente às verdadeiras necessidades dos que irão utilizar esses lugares, constroem espaços aleatórios só por mera propaganda política (MORENO E FROIS, 2018).

Dessa maneira, como explicam os autores, a opinião das pessoas é relevante e deve sempre ser utilizado como princípio norteador no planejamento dos espaços. Isso assegura uma identificação entre as pessoas e os espaços projetados, possibilita que se apropriem daquele local e, no dia a dia, garantirão as manutenções necessárias para que o local permaneça sempre vivo.

Analisando as explicações expostas a respeito dos espaços públicos nesse item, observa-se a dimensão da influência que eles conferem à qualidade de vida para as pessoas. Representam um ambiente que promove os elos sociais e transformam a sociedade. E por evidenciarem diversas características e funções, os tipos de espaços públicos e como se comportam dentro de uma cidade serão apontados em seguida.

2.2 Características de espaços públicos bem-sucedidos

Os projetos de bons espaços públicos estão sempre voltados para a qualidade de vida das pessoas. Por isso, por volta da década de 1970, surgiu nos Estados Unidos um termo conhecido como *placemaking*, que significa “fazer lugares”, em tradução livre. Heemann e Santiago (2015, p. 10) afirmam que “os ‘lugares’ mencionados aqui são **espaços públicos que estimulam interações entre as**

peças em si e entre as peças e a cidade, promovendo comunidades mais saudáveis e felizes” (grifos das autoras).

Este conceito foi criado pela PPS (Project for Public Space), organização sem fins lucrativos de Nova York, a partir de trabalhos e observações feitas por William H. Whyte, que foram divulgados em seu livro "The Social Life os Small Urban Spaces" (A Vida Social de Pequenos Espaços Urbanos). De acordo com Heemann e Santiago (2015), a PPS foi uma das pioneiras na divulgação do *placemaking* pelo mundo e na elaboração de diretrizes que orientam no cuidado e planejamento de espaços públicos para as pessoas. Além disso, incentiva e educa a população para criar e manter esses espaços que são essenciais para a vitalidade urbana.

A PPS determinou que espaços públicos bem-sucedidos possuem quatro qualidades:

- 1. Acessível:** Pessoas de todas as idades e condições físicas (inclusive aquelas que têm grande dificuldade para se locomover) conseguem chegar ao espaço e se locomover nele;
- 2. Ativo:** Oferece diferentes atividades e formas de as pessoas usarem o espaço;
- 3. Confortável:** O espaço tem lugares para sentar, uma vista agradável e outros atributos que o tornem mais convidativo;
- 4. Sociável:** Um lugar onde as pessoas encontram amigos ou até conhecem novos amigos (Heemann e Santiago, 2015, p. 19).

Para facilitar o entendimento e ajudar na avaliação dos espaços públicos, a organização elaborou um diagrama dividido em 3 cores. Os atributos chaves, na cor roxa, correspondem aos critérios avaliadores dos espaços urbanos. Já os atributos intangíveis, na cor azul, são fatores qualitativos para analisar a área. E na cor amarela, os atributos mensuráveis são dados quantitativos que podem ser obtidos através de pesquisas e estatística.

Figura 5 – Diagrama para avaliação de espaços públicos



Fonte: Heemann e Santiago, 2015, p. 20

Há ainda 12 critérios que fazem do espaço público um bom lugar, publicado em 2006 no livro “New City Life”, escrito pelo defensor das cidades para as pessoas, Jan Gehl, com a ajuda de Lars Gemzøe, Sia Karnaes e Britt Sternhagen Søndergaard. Os autores fazem uma abordagem sobre a vida nas cidades desde a era industrial até a sociedade consumista. Mas o foco principal da obra é apresentar a evolução ocorrida no planejamento dos espaços públicos e a importância deles para a vida pública.

Figura 6 – 12 critérios para bons espaços públicos



Fonte: Archdaily, 2013⁴

Os critérios falam sobre proteger os pedestres contra o tráfego para que andem protegidos, segurança nos espaços para favorecer o uso igualmente à noite e também permitir o uso agradável do local, protegendo os usuários do sol, da chuva, etc. Promover ainda espaços acessíveis para caminhar, eliminando os obstáculos, para permanecer por mais tempo, através de fachadas ou paisagens interessantes, e que tenham mobiliários para as pessoas sentarem, descansarem ou ler um livro.

Esses locais devem motivar a observação e a contemplação por meio do paisagismo, possibilitar as conversas a partir de espaços que permitam o encontro e o lazer, assim como reservar áreas destinadas aos exercícios físicos, para uma vida menos sedentária. As edificações do entorno devem interagir com os cidadãos,

⁴ ARCHDAILY. **12 critérios para determinar um bom espaço público**. 2013. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-115308/12-criterios-para-determinar-um-bom-espaco-publico>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

estando numa escala que facilite o alcance por eles. Além disso, os espaços públicos precisam se adequar ao clima e à topografia da região para que sejam usados durante todas as estações. E, por fim, precisam estar vinculados às pessoas através da natureza, garantindo uma boa experiência sensorial com o uso da arborização e da água, por exemplo.

2.3 Tipos de espaços livres públicos

De acordo com Leitão (2002), os espaços livres envolvem três premissas básicas: a exterioridade, a acessibilidade e o significado. O primeiro termo diz respeito aos espaços abertos, de uso comum ao público, como as ruas, as praças, etc. O segundo expressa a facilidade de acesso por todas as pessoas dentro de uma cidade. E o significado representa o valor que esses espaços têm para aqueles que os utilizam, seja pela história ou seu caráter simbólico.

Nesse sentido, uma cidade pode dispor de diversos espaços designados à população, porém, pela variedade de conceitos, ocorre sempre uma certa confusão quando se trata de identificá-los e defini-los conforme as características e funções que desempenham. A partir disso, Macedo (1995) afirma que os espaços livres públicos podem se dividir em três categorias: espaços verdes, áreas de circulação e áreas de lazer.

Para o autor, os espaços verdes, também chamados de zonas ou áreas verdes, inclui “toda área urbana ou porção do território ocupada por qualquer tipo de vegetação e que tenham um valor social” (MACEDO, 1995, p. 16). Esse valor refere-se à função que desempenham, seja ela a de proteção dos ecossistemas, pelo referencial estético e cultural ou por se destinar ao lazer. Concordando com o autor, Buccheri e Nucci (2011) acrescentam que essa vegetação precisa cobrir, no mínimo, 70% da área em que se insere. E confirmam que esses espaços precisam desenvolver uma função ecológica, estética e de recreação. Logo, nesse grupo estão englobados os parques públicos, bosques e jardins.

O Parque Lago das Rosas é um dos 28 parques e bosques presentes na capital goiana. Foi o primeiro parque criado na cidade, em 1971, e conta com uma área de

315.000m² distribuídos em espaços verdes, além de ambientes destinados à caminhadas e esportes para os seus visitantes (G1, 2011⁵).

O Jardim Botânico de Curitiba, inaugurado em 1991, é o ponto turístico mais visitado na cidade. Oferece aos visitantes áreas como a estufa que abriga várias espécies de plantas, bem como possibilita a contemplação do jardim das sensações, onde as pessoas podem percorrer uma trilha de 200 metros com os olhos vendados (G1, 2016⁶).

Figura 7 – Parque Lago das Rosas em Goiânia



Fonte: Wikipédia, 2016.⁷

Figura 8 – Jardim Botânico de Curitiba



Fonte: GALANI, L., 2018.⁸

Já as áreas de circulação são espaços definidos exclusivamente para o fluxo de carros e pedestres, por exemplo as ruas e as calçadas. Segundo Queiroga (2012, p. 29), a rua é o “elemento fundamental de conexão na cidade, por onde ocorre grande parte da vida cotidiana da sociedade urbana”. Gehl (2014) certifica que a vitalidade de uma cidade é quando os espaços, principalmente as ruas, fomentam a prática da vivência comunitária e incentivam o caminhar criando condições para uma estrutura urbana mais qualitativa.

⁵ G1 Goiás. **Conheça as opções de lazer de dez parques e bosques de Goiânia.** 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2011/10/conheca-opcoes-de-lazer-de-dez-parques-e-bosques-de-goiania.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

⁶ G1 Paraná. **Estufa do Jardim Botânico de Curitiba fecha durante a semana para limpeza.** 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/ferias-verao/2016/noticia/2016/01/estufa-do-jardim-botanico-de-curitiba-fecha-durante-semana-para-limpeza.html>>. Acesso em: 04 out. 2018.

⁷ WIKIPÉDIA. **Lago das Rosas, em Goiânia, prédios ao fundo.** 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lago_das_Rosas,_em_Goi%C3%A2nia.jpg>. Acesso em: 04 out. 2018.

⁸ GALANI, Luan. **Gazeta do Povo. Jardim Botânico terá café e escola de jardinagem após revitalização.** 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/jardim-botanico-de-curitiba-sera-revitalizado-2019-cafe-escola-jardinagem/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

Figura 9 – Balanços musicais em Montreal



Fonte: CAVALCANTI, M. F., 2012⁹

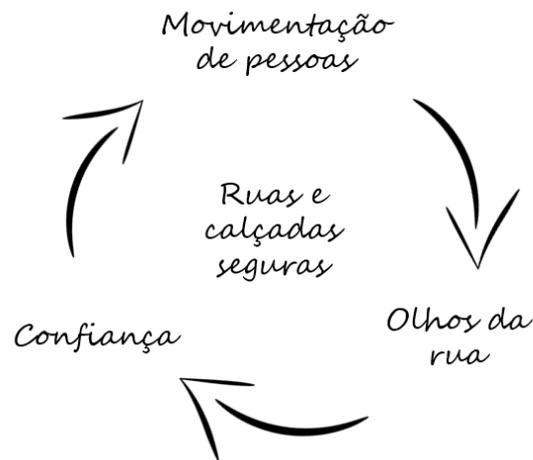
Em Montreal, Canadá, os alunos da Faculdade Université du Québec à Montréal Science, a partir da iniciativa 21 Balançoires, criaram balanços que tocavam notas musicais, onde foram instalados no centro da cidade. O objetivo era disponibilizar um lugar animado, que impulsionasse o coletivismo no espaço público através do encontro das pessoas na rua.

Outros fatores também favorecem o estímulo para andar nas calçadas e estão condicionados às infraestruturas oferecidas, como a largura e a iluminação. Além disso, as edificações do entorno devem manter uma integração com os passeios, disponibilizando espaços abertos e garantindo aos pedestres uma sensação maior de segurança ao caminhar pela cidade.

E essa realidade se relaciona ao que Jacobs (2000) afirma, ao defender o uso incansável das calçadas. A autora elucida que quanto maior for a movimentação de pedestres nesses espaços mais segura será a cidade. Isso parte da sua análise que estabelece as pessoas como os “olhos da rua” e associa essa expressão à confiança em transitar por esses locais. Em sua frase “a confiança na rua forma-se com o tempo a partir de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas” (JACOBS, 2000, p. 60), pode-se concluir que há um ciclo contínuo: se há uma movimentação constante nas ruas, as pessoas podem ser consideradas vigilantes e, mesmo com passos apressados, é estabelecida uma confiança em se transitar por elas.

⁹ CALVACANTI, M. F. **21 Balançoires**: balanços musicais aproximam pessoas em Montreal. 2012. Disponível em: <<http://thecityfixbrasil.com/2012/10/12/21-balancoires-balancos-musicais-aproximam-pessoas-em-montreal/>>. Acesso em: 04 out. 2018.

Figura 10 – Ciclo das ruas e calçadas seguras



Fonte: Elaborada pela autora, 2018

Já as áreas de lazer abrangem “todo e qualquer espaço livre de edificação destinado prioritariamente ao lazer, seja ele ativo, isto é uma área para jogos e brincadeiras ou contemplativo, isto é, áreas dotadas de um valor cênico/paisagístico expressivo” (MACEDO, 1995, p. 21). O autor adota as praças como exemplo dessa categoria.

Segundo Minda (2009, p.24) a praça pode ser definida como “lugar de encontro, de expressão sociocultural que, em alguns casos, supre a necessidade de espaços para o lazer”. É também um espaço que concentra força e lutas sociais, através das manifestações políticas, onde diferentes grupos sociais contribuem para a formação de uma cidade mais justa e democrática.

Assim como as ruas, as praças possuem um caráter muito expressivo dentro de todos os espaços livres já apresentados. Devido ao seu valor símbolo como lugar de encontro e convívio, é muito fácil encontrar praças distribuídas pelos bairros de uma cidade. Portanto, por ser o elemento de maior apropriação pública, de grande importância e valor social, a praça é o tema central neste trabalho e será explicada mais detalhadamente no próximo capítulo.

3 AS PRAÇAS E A DIVERSIDADE DE USOS

A praça é um dos espaços públicos mais marcados pela história de uma sociedade. Algumas cidades se formavam a partir desse local, pois era onde se desenrolavam as discussões políticas, trocas de ideias e negociações de mercadorias. Além disso, seu valor histórico e cultural é carregado através dos anos, traduzindo as manifestações sociais dos povos antigos, deixando as memórias desse lugar como herança.

Devido sua importância em beneficiar qualidade de vida para os cidadãos, Barros e Virgílio (2003) explicam que esse elemento deve estar distribuído de forma democrática por todo o tecido urbano para ser acessado igualmente pela população. Logo, explicam que deve haver uma preocupação do poder público em incorporar esse espaço no planejamento urbanístico, voltando-se, principalmente, ao oferecimento de uma boa infraestrutura.

Outro ponto relevante é que as praças são muito importantes na composição da estrutura de uma cidade. Esses elementos apresentam diversas características e muitas possibilidades de uso, logo é necessário ter uma visão mais ampla para entendê-las de forma que não sejam reduzidas apenas a meros espaços abertos com tratamento paisagístico.

Desse modo, o estudo da praça é pertinente tanto para analisar o processo de ocupação dos espaços livres públicos e como eram utilizados desde seus primeiros registros, quanto para compreender quais são os principais benefícios de ainda tê-los nas cidades de hoje. Por isso, neste capítulo será abordado primeiramente um panorama geral das praças da Idade Média até a era contemporânea e, em seguida, será analisado mais detalhadamente o processo de desenvolvimento das praças brasileiras.

3.1 Conceito e evolução histórica

Praça, assim como o termo espaços livres públicos, possui diversos conceitos. Podem designar as funções de lazer, lugar de passagem ou apenas para descanso. No entendimento de LAMAS (1993, p. 102) a praça é caracterizada como “lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de

manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”.

O autor aborda que a praça é um elemento identificável na forma da cidade e exhibe diversidades morfológicas em seus traçados, podendo ser quadrada, circular, em forma de triângulo ou elipse. E ainda critica que o largo ou o terreiro são espaços que não devem ser classificados como praça, pois, diferente desta, não foram projetados para o mesmo fim e são apenas vazios acidentais decorrentes do alargamento de estruturas urbanas.

Alex (2011) explica que a praça não representa apenas um espaço, mas constitui-se como parte integrante da cidade. E comenta:

A praça, em sua origem latina, caracteriza-se como espaço de encontro e convívio, urbano por natureza. Espaço este que se conforma por várias aberturas no tecido urbano que direcionam naturalmente os mais diversos fluxos em busca dos, também, mais diversos usos, que imprimem a esse espaço o caráter de lugar e ponto central de manifestação de vida pública. É, em sentido amplo, o espaço para troca. Nesse sentido, a praça em nossa cultura vincula-se ao conceito de espaço público, acessível a todos os indivíduos, moradores ou visitantes capazes de interagir livremente na mesma base, independentemente da sua condição social (ALEX, 2011, p. 10).

De acordo com Caldeira (2007), as praças são espaços vazios que representam uma descontinuidade das edificações na malha urbana, por isso se diferenciam dos outros espaços públicos. Desde as primeiras aparições, eram cercadas de edifícios importantes e seu centro era valorizado por ornamentos, fontes ou estátuas de pessoas com grande poder. Atualmente, os processos de revitalização mostram o quão indispensável esse elemento é para a cidade.

As funções e características dos traçados das praças mudaram bastante no decorrer dos séculos. Cada uma revela em seu desenho particularidades dos cidadãos que as utilizaram, como os padrões que contam momentos de relevância social, histórica, política e até grandes marcos de desenvolvimento urbano.

A Ágora de Atenas, citada no capítulo anterior, pode ser considerada como um dos primeiros registros de praça. Era onde os gregos se encontravam no dia a dia, servindo também como local para resolverem questões políticas e administrativas. “Nela situavam-se o *bouleuterium*, uma espécie de sala de conselho da cidade, e o *prytaneum*, a câmara privada dos chefes oficiais do magistrado. Um dos lados era ocupado por uma construção em pórticos, a *Stoa*, onde funcionava o mercado” (CALDEIRA, 2007, p. 17).

Por ser o principal centro de vida cívica, era posicionada estrategicamente na cidade, onde era possível ser notada de diferentes locais. Por isso, possuía uma arquitetura expressiva que se destacava na trama urbana, principalmente pela sua delimitação por diversos prédios comerciais, oficiais e religiosos, como pode ser observado na figura 9.

Figura 11 – Reconstituição da Ágora de Atenas - século II a.C.



Fonte: CALDEIRA, 2007, p. 18

Na idade média, Zucker (1959, p. 4-85 apud SEGAWA, 1996, p. 32) resume as praças medievais a: “praças de mercado; praças de entrada da cidade; praça como centro da cidade; adro de igreja; praças agrupadas (praças distintas como a do mercado e a da igreja, especialmente relacionadas na trama urbana)”. Nas explicações de Segawa (1996), as *piazas* italianas destinavam-se a cerimônias religiosas ou de casamento, para funerais, comemorações, execuções e torneios esportivos. Já a *plaza mayor* espanhola, se encontrava geralmente afastada do centro urbano, muitas vezes fora dos limites murados das cidades.

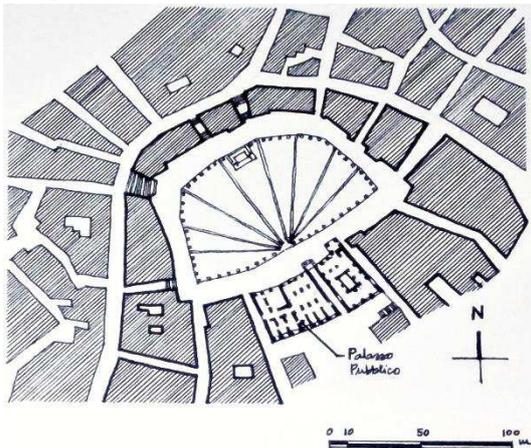
No período renascentista, a estética passa a ser tratada com mais importância na construção das novas praças. Caldeira (2007) explica que esse novo tratamento é decorrido das transformações das cidades e das novas organizações sociais, a partir do crescimento populacional, desenvolvimento do mercado, instalação de pequenas indústrias e o advento da burguesia. As praças europeias, analisadas por Segawa (1996), eram espaços delimitados por fachadas arquitetônicas, formando uma espécie de pátio, em que a área aberta muitas vezes recebia estátuas, fontes ou mastros.

Alex (2011) destaca a *Piazza del Campo de Siena* como a praça que determina a transição do modelo medieval para o Renascimento, em que este foi “o período

marcado pelo fortalecimento do poder civil, separado da Igreja, pelo ressurgimento do comércio e pela preocupação com a beleza do ambiente construído” (ALEX, 2011, p. 31).

A praça localizava-se no núcleo da área mais povoada, onde as principais ruas da cidade convergiam diretamente para ela. A sua geometria foi planejada em 1293, quando o governo decidiu criar uma grande praça cívica, voltando-se para ela o *Palazzo Pubblico*, considerado o ponto focal da praça, construído entre 1288 e 1309. Depois da conclusão da pavimentação em 1349, passou a ser palco de reuniões e cerimônias públicas abrigando, junto ao espaço, o grande mercado que se desenvolvia.

Figura 12 – Layout da Piazza del Campo



Fonte: ALEX, 2011, p. 33

Figura 13 – Piazza del Campo



Fonte: Ilcittadinoonline.it, 2013¹⁰

O autor chama atenção para o traçado original em forma de leque, mantido até hoje. A leve inclinação do terreno transformou esse espaço num grande anfiteatro. Além disso, Alex analisa, através do layout, a quantidade de acessos convergindo para a praça, formando um sistema de hierarquia de vias para veículos e pedestres, bem como a delimitação da praça definida por balizadores e com a pavimentação de tijolos diferenciada da rua.

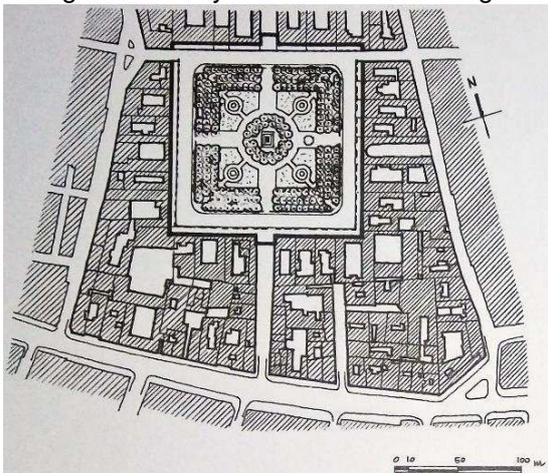
Já as praças francesas, denominadas *places royales*, representavam um modelo muito interessante de praça no século XVII, que influenciou alguns países europeus e até outros continentes, como a América. A estátua imponente do rei

¹⁰ ILCITTADINOONLINE.IT. **Rapinato noto bar di Piazza del Campo** 2013. Disponível em: <<http://www.ilcittadinoonline.it/cronaca/rapinato-noto-bar-di-piazza-del-campo/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

montando em um cavalo e situada no centro da área era exigência dos franceses nos padrões construtivos das praças. Segawa (1996, p. 37) descreve a *place royale* francesa como “um espaço apropriado pela elite parisiense: uma praça com habitações de alto padrão e palco de espetáculos reais”.

A Place des Vosges, antes chamada de *Place Royale*, pelo seu status e nobreza, é apontada por Alex (2011) como a primeira praça renascentista da França. Inaugurada em 1612, com uma forma geometricamente regular e contornada por uma arquitetura homogênea, o projeto de 1605 visava inicialmente abrigar as festividades, a produção e venda de seda. Isso porque a praça foi construída onde funcionava o mercado de cavalos e o Hôtel des Tournelles, local de torneios, comumente frequentado por aristocratas desde a Idade Média. Porém, no mesmo ano decidiu-se que seria uma região predominantemente residencial e de uso restrito para os nobres franceses.

Figura 14 – Layout da Place des Vosges



Fonte: ALEX, 2011, p. 53

Figura 15 – Place des Vosges, Paris



Fonte: INFORZATO, R.R., 2014¹¹

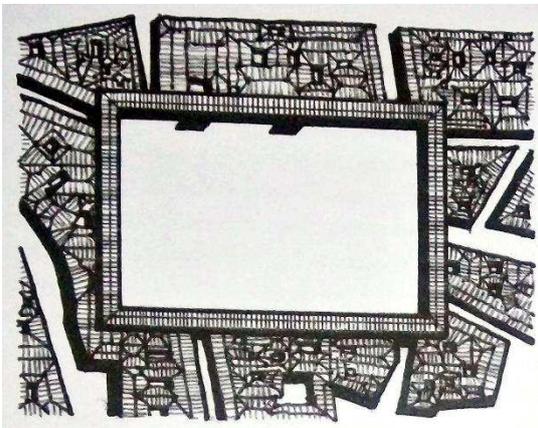
O autor destaca a praça como um grande quadrado regular e acesso mais limitado, determinado pelas poucas ruas e pelos arcos das edificações. Dessa forma, se configurava num ambiente mais reservado e tranquilo, separado dos fluxos mais movimentados causados pelas vias exteriores. A estátua de Luís XIII foi fixada no interior da praça em 1639. O jardim clássico francês foi definido com traçado diagonal em 1663 e a implantação das árvores ocorreu somente em 1792. A presença do

¹¹ INFORZATO, R. R. **Place des Vosges**: uma place royale que teve origem em uma tragédia. 2014. Disponível em: <<http://diretodeparis.com/uma-place-royale-que-teve-origem-em-uma-tragedia/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

paisagismo ao centro e nos percursos servia para ser admirado durante as caminhadas.

Na Espanha, as praças possuíam características amplas e um terreno mais plano. A *Plaza Mayor* de Madrid, concluída em 1620, foi definida como um espaço aberto e com traçado retangular marcado pela arquitetura ao redor, tanto pelos palácios reais quanto pelo comércio abundante. Alex (2011) descreve que a convergência de ruas, assim como na *Piazza del Campo*, e a ausência da Igreja permitiam ao local uma vivência maior através do mercado ocupado pelo térreo das edificações e pelos próprios habitantes que moravam nos pisos superiores.

Figura 16 – Implantação da Plaza Mayor



Fonte: Alex, 2011, p. 43

Figura 17 – Plaza Mayor de Madrid - Espanha



Fonte: Wikipédia, 2008¹²

O desenho da praça é um retrato dos padrões do período renascentista e do poder civil perceptível através dos palácios circundantes, de onde a realeza assistia as apresentações que ocorriam no espaço. O mercado com diversos usos e acessibilidade variada garantiam a movimentação e permanência na praça. Em épocas festivas chegava a abrigar até 50 mil pessoas.

Dessa forma, as praças renascentistas se inscrevem positivamente na malha urbana das cidades europeias e se tornam referência em outros continentes. Os elementos compositivos, tanto o paisagismo como os edifícios ao redor traduzem-se em monumentos expressivos e contribuem para a integração da praça com o conjunto urbano do entorno.

¹²WIKIPÉDIA. **Plaza Mayor de Madrid**. 2008. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Plaza_Mayor_de_Madrid_06.jpg>. Acesso em: 10 out. 2018.

A praça da era moderna foi marcada pelas mudanças nas proporções entre os setores públicos e privados a partir da metade do século XVIII, pois “o desenvolvimento da burguesia mercantil e intelectual promove uma reestruturação no sentido da *vida pública*, a praça e a rua perdem força como símbolos de espaços públicos” (CALDEIRA, 2007, p. 30). A autora explica que, assim, foram surgindo outras alternativas de espaços para encontros entre os nobres cidadãos, como teatros, bares e cafés.

O uso da praça se restringiu aos populares, “permeada pelo universo do riso, do escárnio, da festa” (SEGAWA, 1996, p. 33), principalmente a partir da criação dos jardins, em que seu uso era oposto ao da praça pública, servindo exclusivamente para a burguesia ascendente, caracterizado como um recinto silencioso, com normas de conduta, onde podiam passear ou apenas observar a natureza em silêncio.

Com a passagem do século XIX para o século XX, a praça perde suas características originais e transforma-se em um grande espaço vazio desconectado da cidade. Isso porque a estrutura urbana sofreu grandes transformações, devido ao avanço tecnológico permitido pela II Revolução Industrial. Nesse período a população cresceu e a forma de planejar a cidade mudou, dando-se importância agora para os automóveis e para um sistema viário mais complexo (CALDEIRA, 2007).

Ações políticas nos modos de planejamento urbanístico, no entanto, mudaram o cenário das cidades, que pareciam estar condenadas à desorganização. “A praça contemporânea, a partir dessas estratégias, reafirma sua vocação de espaço coletivo, reassumindo seu papel de principal espaço da cidade” (CALDEIRA, 2007, p. 35). Com as intervenções em meados do século XX, as praças passaram a ser valorizadas e tornaram-se protagonistas dos espaços públicos, devolvendo a elas as antigas atribuições que desempenhavam, como local de encontro e vida urbana. Atualmente, nas cidades contemporâneas, segundo Robba e Macedo (2002), as praças adquiriram uma nova forma de planejamento, sendo inseridos em seus espaços desde áreas destinadas ao lazer até grandes complexos articulados com a cidade.

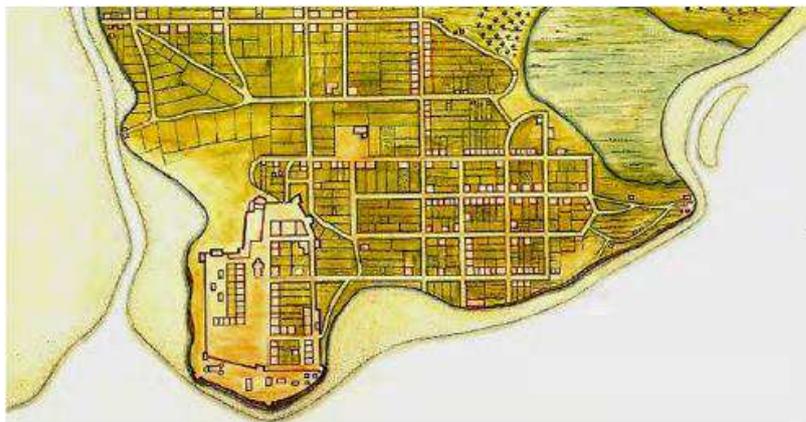
3.1.1 Contextualização das praças brasileiras

Segundo Minda (2009), as praças latino-americanas, chamadas de adros, têm origem religiosa, pois se localizavam em frente às igrejas. Típico das cidades

coloniais, os adros eram o núcleo de vivência da população, assentados exclusivamente nos centros urbanos.

Tal afirmação pode ser explicada com a origem das praças brasileiras na época da colonização. Segundo Caldeira (2007), essas praças possuíam algumas características resultantes dos padrões urbanísticos estabelecidos pelos portugueses. O traçado regular, em forma de tabuleiro de xadrez, era diretriz na estruturação das cidades, que deveriam se adaptar às condições topográficas, sem exceção.

Figura 18 – Planta da cidade de São Luís em 1660



Fonte: CALDEIRA, 2007, p. 80

Porém, algumas exigências teriam de ser cumpridas inicialmente: as principais instituições, principalmente as religiosas, eram premissas nas formações urbanas. Elas localizavam-se em pontos estratégicos, os espaços vazios eram convertidos em terreiros, praças ou largos e, a partir delas, a cidade se expandia.

A soberania da Igreja nos moldes estruturantes da urbe, para Caldeira (2007), representa o ponto inicial da formação das cidades na era do Brasil Colônia. Isso é decorrente da chegada dos missionários jesuítas junto à corte, responsáveis pela doutrinação durante a colonização portuguesa.

Esse caso é confirmado por Robba e Macedo (2002) ao elucidarem que nesse período as terras brasileiras eram concedidas pelo sistema de sesmaria, termo que garantia a distribuição dos terrenos pertencentes à Coroa portuguesa para serem explorados. Parte dessas terras eram outorgadas à Igreja, que as utilizava para construir a capela e o adro exatamente no centro da cidade. A paróquia tinha o direito de dividir em lotes a porção restante para quem solicitasse, e o pagamento era devolvido através do foro.

O início dos primeiros assentos urbanos nas cidades brasileiras é dissertado na seguinte afirmação:

Em volta da capela, embrião das nossas cidades, foram construídos, paulatinamente, o casario e as edificações que compunham uma freguesia, arraial ou vila. Tal estrutura de formação das cidades coloniais foi também a força geradora dos primeiros espaços livres públicos brasileiros: os adros das igrejas. O espaço deixado em frente aos templos é justamente o espaço de formação da praça. Conforme a povoação cresce, o adro da igreja se consolida como um elo entre a comunidade e a paróquia, o mais importante pólo da vila e o centro da vida sacra e mundana, pois atrai para o seu entorno as mais ricas residências, os mais importantes prédios públicos e o melhor comércio (ROBBA E MACEDO, 2002, p. 19).

Para ser considerada espaço livres público, o largo da igreja dependia das construções do entorno. Enquanto se tornava um ponto de atração para novos empreendimentos, tanto de casas quanto de comércios, sua estrutura morfológica era desenhada pelas edificações que se estabeleciam ao redor dele.

Essas eram algumas características presentes nas praças coloniais brasileiras, um templo com espaço aberto à frente, circundado por imóveis importantes. Ressalta Caldeira (2007, p. 76) “as praças aparecem justamente como locais de articulação urbanística e arquitetônica, cujo espaço reúne as principais estruturas institucionais da cidade”.

Como forma de exemplificar essa organização das praças na cidade colonial, Robba e Macedo (2002) mencionam algumas praças importantes, entre elas a Praça XV de novembro no Rio de Janeiro, destacada por prédios administrativos, e o Pátio do Colégio, em São Paulo, onde a Igreja era o principal edifício dominante do espaço.

Figura 19 – Praça XV de novembro, Rio de Janeiro



Destaque para o Paço Imperial, à esquerda da imagem

Fonte: LUCENA, F., 2015.¹³

¹³ LUCENA, F. **História da Praça XV**. Disponível em: <<https://diariodorio.com/histria-da-praa-xv/>>. Acesso em: 11 out. 2018.

A Praça XV de novembro, ou apenas Praça XV, que antes possuía outras denominações, como Largo do Carmo, recebeu esse nome após a Proclamação da República, no dia 15 de novembro de 1889. Por volta de 1770, a praça era o ponto principal onde desembarcava os escravos e, até o fim do século XVIII, recebia os principais navios que chegavam na cidade. O Paço Imperial, importante prédio administrativo localizado naquele espaço, destinava-se como Palácio do Governo e Casa da Moeda.

Figura 20 – Pátio do Colégio, São Paulo



Primeiro registro do complexo do Pateo do Collegio em 1818, por Wash Rodrigues, pertencente ao Museu Paulista
Fonte: TRAVAGLIN, I., 2012¹⁴

O Pátio do Colégio, localizado no centro histórico de São Paulo, marca o início do povoamento urbano. A pedido dos jesuítas, que haviam chegado durante a colonização portuguesa, tornou-se a primeira edificação construída na cidade, com a finalidade de catequizar dos indígenas. A Igreja foi construída no ano de 1556 em taipa de pilão. Interditada e decaindo aos poucos, foi demolida em 1896 até ser totalmente reconstruída na década de 1970.

Ao longo do século XIX, com o crescimento e desenvolvimento das cidades, algumas intervenções começaram a ser instituídas como forma de melhorar o ambiente urbano. Influenciadas pela cultura francesa e inglesa, Robba e Macedo (2002) comentam que nas cidades brasileiras foram desenvolvidas campanhas de salubridade e embelezamento para marcar a era da modernização, impulsionadas

¹⁴ TRAVAGLIN, I. **Em comemoração aos 458 anos da cidade de São Paulo**. 2012. Disponível em: <http://www.preservasp.org.br/18_informativo.html>. Acesso em: 11 out. 2018.

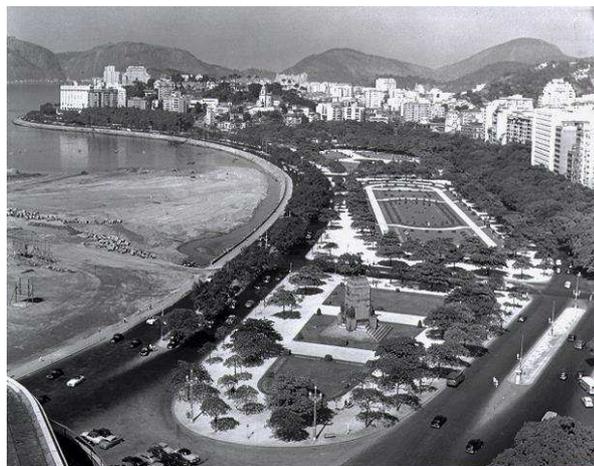
pela nova ordem social e econômica que se instaurava naquela época. Esse foi o fim da cidade colonial e o início da cidade republicana.

Essa nova política que mudou os aspectos sanitários e paisagísticos da cidade, deu uma nova denominação para as praças, como mencionam Robba e Macedo (2002, p. 28): “nesse período de transição do modelo de urbanização colonial para um novo modelo de cidade – bela, higiênica e pitoresca – é que surge uma nova tipologia urbana: a *praça ajardinada*”. Com isso, as praças se tornaram mais arborizadas, perdendo o caráter antigo de largo e terreiro, e passaram a desenvolver novas funções, como recreação, descanso e contemplação da natureza, que antes era função somente dos jardins.

A partir desse momento, projetos mais complexos passaram a ser implantados nas praças mais importantes das cidades, ou seja, somente aquelas que se encontravam nas áreas nobres. Em contrapartida, as praças localizadas fora desse perímetro continuaram com as antigas características de rossios do período colonial.

Essas intensas reformas e o novo padrão de construção das praças, entre meados do século XIX e início do século XX, ficou conhecido como ecletismo, uma nova linha projetual que misturava vários estilos e diversas influências europeias, estabelecendo uma excêntrica linguagem na paisagem das praças, a partir do uso exacerbado da vegetação. Essa tendência de introduzir a natureza nos espaços públicos tinha como finalidade amenizar a acentuada urbanização nos centros das cidades (ROBBA E MACEDO, 2002).

Figura 21 – Praça Paris em 1955 - Rio de Janeiro



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural, 2017¹⁵

¹⁵ ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Praça Paris, Rio de Janeiro RJ**. 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra25631/praca-paris-rio-de-janeiro-rj>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Figura 22 – Praça da República, Belém



Fonte: G1 Pará, 2013¹⁶

O ecletismo se divide em duas linhas: a clássica e a romântica. “A linha clássica estruturou-se sobre uma rigidez geométrica no traçado e plantio, buscando sempre a ortogonalidade e a centralização. Na linha romântica se destaca uma crescente valorização da natureza e de suas imagens” (MINDA, 2009, p. 43). Enquanto uma apresenta eixos mais simétricos (figura 21), a outra exibe formas mais orgânicas (figura 22), porém ambas utilizam elementos pitorescos, como fontes, espelhos d’água, coretos, estátuas, monumentos, entre outros.

A expansão das cidades brasileiras se dá mais rapidamente a partir da segunda década do século XX, consequência do advento da indústria. Isso causa uma transformação muito grande na paisagem urbana, principalmente com o aumento da massa populacional que saía do interior atraída pela empregabilidade decorrente da transformação socioeconômica. Logo, as cidades tiveram que se adequar à nova realidade que se revelava, principalmente com o surgimento da energia elétrica e do automóvel (ROBBA E MACEDO, 2002).

O modernismo deu início a uma nova forma de urbanizar, uma das mudanças foi o alargamento das vias que tinham de abrigar o grande tráfego. Além disso, as consequências causadas pelo adensamento de pessoas que migraram dos campos para as cidades, geraram uma diminuição considerada dos vários espaços livres, pois tiveram de ser destruídos para dar lugar aos novos edifícios e moradias.

¹⁶ G1 Pará. **Praça da República recebe atividades culturais neste domingo.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/12/praca-da-republica-recebe-atividades-culturais-neste-domingo.html>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Para mudar essa realidade, a cidade precisou disponibilizar espaços mais planejados e funcionais para os seus habitantes. Consequentemente, o ecletismo já não fazia mais parte do pensamento dos planejadores urbanos para os novos espaços que surgiriam futuramente. “Destá forma, aparece a linha moderna para dar respostas às necessidades da sociedade, alterando o programa de usos e dando relevância ao lazer, com atividades voltadas para a recreação” (MINDA, 2009, p. 44).

A contemplação pela natureza permanece, mas outros itens destinados ao lazer cultural, como museus e espaços de exposição, e para o lazer ativo, como playground para as crianças, quadras de esportes, pistas para caminhada e corrida passaram a fazer parte dos novos modelos de praça, tornando-se imprescindíveis para a qualidade de vida nas cidades.

As praças modernas começaram a ser estruturadas com formas mais curvilíneas, principalmente quando projetos do paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx, se destacaram ao exibirem novas perspectivas de acepção dos espaços livres públicos. Duas obras do paisagista que marcam o fim ecletismo nos espaços livres do Brasil, é a Praça Euclides da Cunha, projetada em 1935, e a Praça Ministro Salgado Filho, de 1957, ambas na capital pernambucana. Estes exemplos fazem parte do conjunto de praças que Burle Marx desenhou para a Prefeitura de Recife desde o início da década de 1930 até 1990 (ROBBA E MACEDO, 2002).

Figura 23 – Planta da Praça Euclides da Cunha



Fonte: PESSOA, A.; CARNEIRO, A., 2003¹⁷

Figura 24 – Planta da Praça Ministro Salgado Filho



Fonte: PESSOA, A.; CARNEIRO, A., 2003¹⁸

A Praça Euclides da Cunha, antes chamada de Jardim das Cactáceas, foi uma das primeiras praças que Burle Marx projetou assim que chegou à cidade de Recife.

¹⁷ PESSOA, A.; CARNEIRO, A. **Burle Marx nas praças do Recife**, 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.042/638>>. Acesso em: 13 out. 2018.

¹⁸ Idem.

A praça representa uma ideia inovadora ao dominar o componente principal na paisagem do espaço: a caatinga. Dessa forma tornou-se “o primeiro jardim público essencialmente brasileiro, com a evidente intenção de representar um dos domínios mais singulares de nossa flora em resposta ao que o movimento moderno almejava” (PAULA et al., 2011, p. 13).

A Praça Ministro Salgado Filho, com uma área de 1,6 hectares, faz parte de um complexo arquitetônico moderno integrado ao aeroporto dos Guararapes. O ponto mais importante do projeto é o espelho d’água e a vegetação aquática que, pelas formas sinuosas no traçado da praça, dão uma noção de movimento. A praça tornou-se referência pela beleza da composição arbórea e aquática, virando até cartão-postal da cidade. (SÁ CARNEIRO, CASTEL-BRANCO e SILVA, 2016).

O objetivo de Burle Marx com esses projetos era “conferir embelezamento à cidade do Recife, em harmonia com as raízes do Movimento Moderno” como também “dá a fisionomia das praças, largo e parques do Recife um caráter autóctone, integrando-os a paisagem local” (FERREIRA, ONO E SILVA, 2013, p. 249).

Diante disso, espaços livres públicos se tornaram elementos de muita relevância para o lazer nas cidades, dando mais qualidade de vida para a população. As praças ganharam visibilidade e passaram a ser mais valorizadas pelo seu funcionalismo e criatividade nos desenhos.

No entanto, ao final do século XX, o cenário das cidades foi mudando drasticamente, resultado do processo conturbado da urbanização durante o modernismo. Diante das cidades superpopulosas, violentas e congestionadas, precisou-se repensar a maneira de disponibilizar espaços de lazer e descontração mais significativos para a população, como forma de amenizar os problemas causados pelo caos urbano.

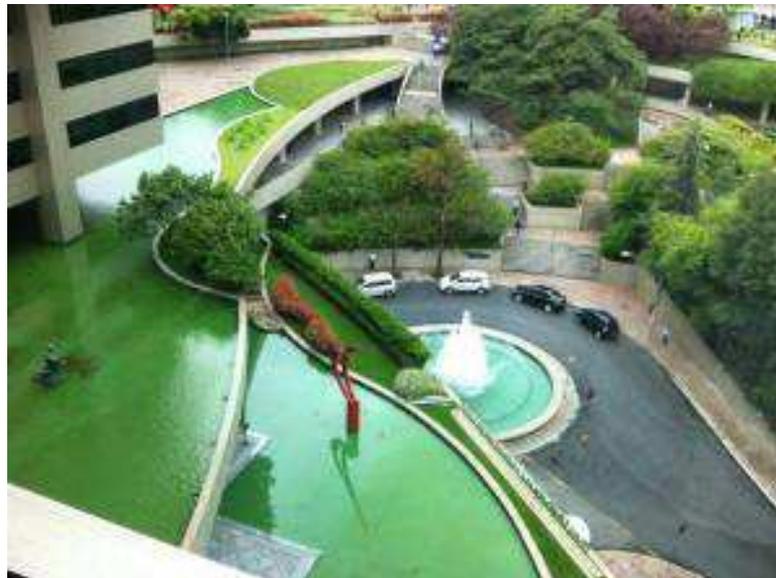
Os novos espaços livres públicos foram implantados sobre uma linha mais complexa de projeto, dando início às chamadas praças contemporâneas. Como mecanismo para atrair mais pessoas para esses locais, as antigas atividades, como o comércio e serviços, voltaram a fazer parte da realidade das praças, através de mercados, lanchonetes, lojas e prédios administrativos. Além disso, as regiões próximas às estações de transporte coletivo, por abrigarem um número considerado de pessoas circulando, permitiu também a criação de projetos de esplanadas, que ficaram caracterizados como local de passagem (ROBBA E MACEDO, 2002).

Portanto, de acordo com Minda (2009, p. 45), essa “liberdade contemporânea permite que uma praça possa especializar-se em determinado uso ou possa ser um espaço multifuncional e adaptável”, mas que depende, primeiramente, de um diagnóstico para delimitar as reais necessidades do local ao qual está sendo inserida. Projetos de revitalização para espaços degradados também se encaixam nesse contexto, com a finalidade de solucionar os problemas sociais, ambientais e culturais do local de implantação.

Quanto ao desenho das praças nessa nova era, pode-se destacar que:

O desenho de projetos denominados contemporâneos transita livremente entre os traçados geométricos, gráficos, rígidos e as mais irreverentes formas pós-modernas, passando também por propostas que valorizam cenicamente o projeto. Liberdade e irreverência são as palavras mais adequadas para definir essa linha de projeto em formação. Desenhos arrojadados, geométricos, cênicos, coloridos, gráficos, orgânicos, evocativos e celebrando formas do passado ou antigos ícones são aceitos e propostos, além de serem implantados elementos e equipamentos dos mais diversos tipos e formas, como pórticos coloridos, colunas, ruínas, esculturas (ROBBA E MACEDO, 2002, p. 42).

Figura 25 – Centro Empresarial Itaú Conceição, São Paulo



A praça representa um espaço público-privado e desempenha usos mistos: lazer, encontro, circulação de pessoas e apreciação do paisagismo.

Fonte: SAKATA, F., 2015¹⁹

Pode-se concluir que a praça contemporânea abrange vários conceitos e elementos dos períodos anteriores, mas atribui a elas novas e diferentes funções que

¹⁹ SAKATA, F. O caso raro do Itaú Conceição. 2015. Disponível em: <<https://blogdapaisagem.wordpress.com/2015/08/09/o-caso-raro-do-itaui-conceicao/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

vão sendo renovadas com o passar dos anos, levando sempre em consideração as necessidades urbanísticas das cidades. É uma linguagem que ainda não tem definição, mas a liberdade de criação é o que norteia essa linha projetual. Não há barreiras para a criatividade humana quando a proposta é reinventar.

3.2 As funções da praça

Sabendo que a praça é um elemento que influencia diretamente tanto na qualidade de vida das pessoas quanto no ambiente urbano, é importante que esteja distribuída de forma igual por todo território urbano e com uma boa infraestrutura. Para tanto, precisa ser planejada adequadamente para que possa ser utilizada por todos os cidadãos.

Sobre seu papel na cidade, a praça adquiriu, no decorrer das décadas, diversos significados e valores, apresentando em seu ambiente várias particularidades que respondiam à época a qual estava inserida. Por isso, Caldeira (2007) associa esse recinto coletivo a um “espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções [...]” (CALDEIRA, 2007, p. 14).

As funções das praças, para Alex (2011), estão associadas com os locais dos quais fazem parte. Logo, o desenho do espaço interno deve ter uma coerência com o espaço externo, ou seja, seu entorno (as ruas e o tráfego da área). Essa articulação é o que permitirá o acesso ao local, determinando o uso e o convívio coletivo na praça.

No entendimento de Leitão (2002), a principal razão da existência da praça é responder adequadamente às necessidades humanas, e que a sua função está relacionada aos modos de vida coletiva de uma sociedade, variando de acordo com as demandas sociais de cada região. Desta forma, compreendendo a multiplicidade de praças construídas ao longo da história das cidades, é importante analisar quais são os tipos e as características mais marcantes encontradas em seus espaços.

De acordo com Leitão (2002), as praças podem servir para as seguintes atividades: estar, descanso, lazer, esporte, contemplação e festa. Além dessas, ainda podem cumprir outros papéis, não só em relação ao uso, mas também por oferecer condições de qualidade urbana, possibilitando as funções: ecológica, estética, educativa e psicológica.

O estar relaciona-se basicamente a espaços que permitem o convívio entre os usuários para troca de conversas ou simplesmente passar o tempo. O descanso, como o nome sugere, servem para uma pausa durante as trocas de expediente, para descansar depois da agitação do trabalho, etc. Já as áreas de lazer proporcionam o divertimento durante o tempo livre. Essas funções podem ser encontradas na Praça Itália, em Porto Alegre.

Figura 26 – Praça Itália, Porto Alegre – RS



Fonte: Paisagens Urbanas, 2015²⁰

A função esporte (figura 27) é desempenhada em praças destinadas às práticas desportivas, como quadras, pistas para caminhada, corrida ou para andar de bicicleta. A de contemplação pode ser percebida em praças onde o paisagismo é mais abundante, lugar que as pessoas vão para desfrutar da natureza. Já em praças onde se comemoram datas importantes para a cidade ou país, ou quando há festivais de músicas, apresentações de dança etc., permitem a função de festa (figura 28).

²⁰ Paisagens Urbanas. **Praça Itália**. 2015. Disponível em: <<https://uffpaisagismo.wordpress.com/2015/09/29/praca-itali/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Figura 27 – Praça em Teresópolis, RJ

Praça de esportes radicais para skatistas/ciclistas
Fonte: G1 Região Serrana, 2013²¹

Figura 28 – Praça Maria Aragão, São Luís

Show durante o período junino de 2018
Fonte: Agência São Luís, 2018²²

A função ecológica (figura 29) ocorre em “espaços onde, graças à presença da vegetação, do solo não impermeabilizado e de uma fauna mais diversificada, promovem melhorias no clima da cidade e na qualidade do ar, da água e do solo” (LEITÃO, 2002, p. 24). A função estética (figura 30) exibe áreas com uma qualidade plástica mais desenvolvida, diversificando a paisagem.

Figura 29 – Praça Victor Civita, São Paulo

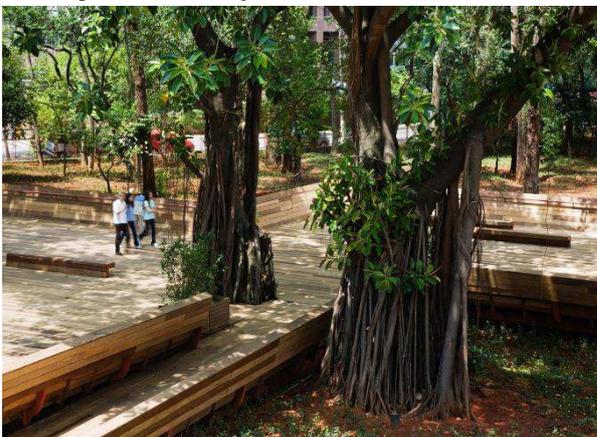
Fonte: Archdaily, 2011²³

Figura 30 – Praça dos Cristais, Brasília

Fonte: Eixo Alternativo, 2015²⁴

²¹ G1 Região Serrana. **Praça de Esportes Radicais é reaberta em Teresópolis, RJ.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rj/regiao-serrana/noticia/2013/07/praca-de-esportes-radica-is-e-reaberta-em-teresopolis-rj.html>>. Acesso em: 16 out. 2018.

²² Redação Agência São Luís. **Show de Fagner e brincadeiras juninas atraem multidão confirmado sucesso do Arraial da Maria Aragão.** 2018. Disponível em: <<http://www.agenciasaoluiz.com.br/noticia/21840/>>. Acesso em: 16 out. 2018.

²³ ARCHDAILY. **Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch.** 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 24 out. 2018.

²⁴ EIXO ALTERNATIVO. **Pontos Turísticos: Praça dos Cristais.** 2015. Disponível em: <<http://eixoalternativo.blogspot.com/2015/09/pontos-turisticos-praca-dos-cristais.html>>. Acesso em: 16 out. 2018.

Já a educativa é percebida em ambientes com capacidade para o desenvolvimento de atividades extraclasse, estimulando o aprendizado e a criatividade dos alunos fora da sala de aula, por exemplo as praças-escola. E, por último, a função psicológica (figura 31) ocorre em áreas denominadas antiestresse que, através de elementos naturais, colaboram para o relaxamento dos usuários.

Figura 31 – Praça do Japão, Curitiba - PR



Fonte: Wikipédia, 2011²⁵

A autora esclarece que uma mesma praça pode designar mais de uma função, mas alerta que é imprescindível conhecer cada uma delas separadamente, pois só assim serão evitados equívocos, garantido o sucesso dos futuros projeto. Além disso, estabelece três fatores que sugerem possíveis funções para as praças, são eles: “as características do entorno, o nível socioeconômico da população e a importância simbólica” (LEITÃO, 2002, p. 26).

O primeiro fator relaciona o local em que a praça está inserida com os elementos que estão imediatamente ao redor e nas áreas adjacentes, atingidas pelo seu raio de influência. Por exemplo, uma praça com um tráfego intenso de pessoas pede projetos que ofereça a função de estar, para o encontro de pessoas. E uma praça cercada por residências pode sugerir a função que desperte a brincadeira das crianças e/ou o descanso dos mais velhos.

O nível socioeconômico da população é outro fator que pode influenciar a função desse espaço coletivo. Em áreas mais carentes, uma praça que cumpra a

²⁵ WIKIPÉDIA. **Praça do Japão (Curitiba)**. 2011. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Praça_do_Japão_\(Curitiba\)#/media/File:CuritibaPracaDoJapaoCerejeira.JPG](https://pt.wikipedia.org/wiki/Praça_do_Japão_(Curitiba)#/media/File:CuritibaPracaDoJapaoCerejeira.JPG)>. Acesso em: 16 out. 2018.

função de lazer pode suprir a necessidade de uma comunidade que não tenha condições de frequentar outros lugares com esse fim. Assim como pode se destinar à prática esportiva, para acolher os jovens, mantendo-os afastados da marginalidade. O que não acontece em áreas resididas por pessoas de alto poder aquisitivo. Nesses lugares, a praça pode ser utilizada apenas para passeios e caminhada, pois os moradores têm mais facilidade de acesso à diversas áreas de lazer.

A importância simbólica refere-se à consideração que se dá à uma praça por seus valores históricos, ao ter sido palco de diversos acontecimentos do passado. Todavia, para que possa desempenhar essa função, é preciso que os cidadãos reconheçam a história daquele lugar, para que uma memória coletiva seja gerada e, assim, possa atravessar diversas gerações.

Robba e Macedo (2002) também contribuem para as afirmações de Leitão (2002) ao atribuírem alguns valores às praças sobre a importância de sua existência para qualidade ambiental das cidades. São eles: os valores ambientais, valores funcionais e valores estéticos e simbólicos.

Valores ambientais representam as contribuições desses espaços para melhorar o meio ambiente por meio da ventilação e aeração urbana. Exemplificam que cidades muito populosas, como São Paulo, precisam desses espaços para facilitar as correntes de ar e dispersar os poluentes. Além disso, as árvores auxiliam no controle da temperatura, favorecem áreas mais sombreadas, diminuem a insolação em áreas adensadas e a radiação de calor nas calçadas e ruas asfaltadas. Outro benefício é que áreas arborizadas e permeáveis ajudam na drenagem das águas das chuvas, reduzem os alagamentos e protegem o solo contra os deslizamentos de terra.

Os valores funcionais correspondem ao funcionamento desses espaços como opção de recreação e lazer, dispendo de playgrounds, equipamentos de ginásticas ou até palco para manifestações artísticas e culturais. Em bairros mais carentes, as praças, muitas vezes, representam o único local que a comunidade possui para sociabilizar e se divertir durante o tempo livre.

Já os valores estéticos e simbólicos significam a importância dos espaços públicos para a paisagem de um bairro ou de uma rua, atribuindo a eles uma identidade única. São elementos que, além de embelezarem a cidade, transformam-se em objetos referenciais para marcar um determinado lugar. Como indagam os autores: “quem nunca usou a ‘pracinha’ ou a ‘grande árvore florida’ próxima à sua

casa como referência para indicar um caminho ou trajeto?” (ROBBA E MACEDO, 2002, p. 45).

Analisando todos os conceitos, evolução histórica e as funções da praça percebe-se que são espaços de grande contribuição para o convívio das pessoas e para vitalidade das cidades, marcados como ponto de convergência para a materialização de vida urbana, seja através do lazer, da contemplação, do passeio ou das festas. Mas se são tão importantes, por que muitas se apresentam rejeitadas e em estado crítico de conservação? Essas e outras observações serão tratadas nos próximos itens, onde será explicado os motivos do abandono das praças e como passaram a receber várias intervenções para contornar essa situação.

3.3 Revitalização de praças

Quando os espaços destinados à convivência da população deixam de ser mantidos, através do descaso público ou da falta de cuidados da própria população, eles vão se desgastando com o tempo. Se tornam locais sem vida e inseguros, servindo apenas para a rápida passagem das pessoas.

No entendimento de Lima (2008), a perda do significado de espaço essencial para as cidades pode ser explicada pela concorrência com outros espaços de lazer, dispostos nos shoppings, clubes e condomínios fechados, pois apresentam várias opções de divertimento para crianças e adultos. Essa realidade atrelada a outros fatores, como a tecnologia e os jogos de videogames, celulares, computadores, etc., a insegurança nos bairros e a manutenção precária por parte dos administradores públicos, contribuem fortemente para o abandono das praças.

Da mesma forma, Alex (2011, p. 279) explica que a falta de pessoas nas praças ocasiona uma “perda de oportunidades de sociabilidade e fortalecimento da cidadania, contribuindo para o aumento da dependência de espaços privados para a prática da vida pública e, conseqüentemente, das desigualdades sociais e da exclusão”. O arquiteto ainda critica o mal planejamento desses espaços que, muitas vezes deficientes e inadequados, favorecem ocupações indevidas por vendedores informais e moradores de rua, gerando impacto e desconforto no acesso e sociabilidade das pessoas nesses ambientes.

Outra razão que acarreta a ausência de usuários nos espaços coletivos e na conseqüente perda de suas funções é a negligência da gestão pública em manter os

espaços livres da cidade. Barros e Virgílio (2003) chamam atenção dos governantes e responsáveis pelo planejamento de novas praças e manutenção das existentes, para que não se deteriorem nem com tempo, nem pelo uso indevido:

É responsabilidade dos órgãos públicos o planejamento urbano, a fim de oferecer melhoria na qualidade de vida da população, bem como programas de fiscalização, acompanhamento e manutenção dessas áreas, não permitindo que se transformem em locais degradados, utilizados como depósitos de lixo, áreas de prostituição ou de tráfico de drogas, como em alguns locais vem ocorrendo. (Barros e Virgílio, 2003, p. 537)

Rosaneli et al. (2016) contribuem para essa chamada de atenção ao acreditarem que os vazios urbanos, cooperando para uma cidade fragmentada, estão atrelados ao grande número de empreendimentos privados, por exemplos os shoppings centers. Estes são defendidos como bons espaços de encontro e lazer, principalmente por transmitirem uma noção de segurança, diferentemente dos espaços abertos públicos. Os autores concluem que dessa forma “tornam-se banalizados ou relegados ao esquecimento, recebendo uma função totalmente diversa daquela planejada, como estacionamentos, terminais de transporte público, pontos de comércio ambulante etc.” (ROSANELI et al., 2016, p. 363).

Logo, para reverter essa situação, as praças, assim como os espaços públicos em geral, foram objeto de muitas intervenções urbanísticas nos últimos anos. Esses processos têm como premissa resgatar todos os valores perdidos, que podem ser vistos em espaços altamente degradados e ociosos distribuídos pelas cidades.

As intervenções, na concepção de Vargas e Castilho (2006), estão pautadas no processo de identificação das deteriorações presentes nos espaços. As autoras fazem uma relação entre o ato de intervir e os conceitos da biologia, por exemplo, ao associarem intervenção com as cirurgias nos organismos com o objetivo de recuperar a saúde, manter a vida, reparar danos ou atender aos padrões estéticos.

As mesmas ainda discorrem especificamente sobre os termos “deterioração” e “degradação”. Relacionam esses conceitos à “perda de sua função, ao dano ou à ruína das estruturas físicas [...]. Deteriorar é equivalente a estragar, piorar e inferiorizar. Já a palavra degradação significa aviltamento, rebaixamento e desmoronamento” (VARGAS E CASTILHO, 2006, p. 3).

No entanto, as consequências desses danos vão além da decomposição das estruturas físicas de uma edificação ou área urbana. Elas podem agir diretamente no comportamento de uma sociedade:

Em geral, a referência aos espaços degradados acontece quando, além das estruturas físicas, verifica-se a reverberação da mesma situação nos grupos sociais. Atribui-se à condição de empobrecimento e de marginalização a destruição das bases da solidariedade entre os indivíduos e o descrédito na noção do bem comum (GUTIERREZ, 1989 apud VARGAS E CASTILHO, 2006, p. 4).

Dessa forma, o tipo de intervenção que se faz necessária para contornar a situação de locais deteriorados é a “revitalização” que, a partir de procedimentos estratégicos, busca recuperar a vida nas áreas que recebem tal intervenção, que antes estavam sem desenvolver sua real função. Além disso, objetiva interferir positivamente nas relações sociais, fazendo surgir uma espécie de conexão entre o espaço, o entorno e a comunidade usuária. Mas para que se entenda a ação da revitalização, é relevante compreender especificamente os conceitos estabelecidos por alguns autores.

3.3.1 Análise do termo e tópicos relevantes

A Carta de Lisboa (1995, p. 1) mostra que os procedimentos da revitalização englobam “operações destinadas a relançar a vida económica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação²⁶ urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas”.

Para Moura et al. (2006), essa intervenção se caracteriza como um método inclusivo e integrador que se utiliza de recursos e programas urbanos para melhorar as condições sociais, económicas e culturais de um lugar, visando sempre a qualidade de vida da população. Utiliza-se de estratégias que se convertem em valores de efeito cumulativo, em que os resultados são observados a médio e longo prazo, promovendo uma harmonia entre os usuários, o espaço modificado e as funções que o mesmo desempenha.

Na sequência, explicam que a revitalização tem que se adaptar à realidade da área, buscando agregar a participação de diversos atores, seja da parte pública-privada, seja dos próprios moradores locais. Todos devem cooperar para que a intervenção tenha sucesso e traga bons resultados para todos. Na figura abaixo, os

²⁶ Reabilitação Urbana pela Carta de Lisboa (1995): “é uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, económicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes [...]”

autores demonstram um sistema que abrange todas as categorias que a revitalização pode alcançar para melhorar a vitalidade de um espaço.

Figura 32 - Dimensões de Intervenção da Revitalização Urbana



Fonte: MOURA ET AL., 2006, p. 22

Por fim, elencam três objetivos fundamentais da revitalização:

1. Viabilização da diversidade e integração de diferentes setores, entre eles o econômico, social e o ambiente urbano, visando a qualidade de vida dos cidadãos;
2. Desenvolvimento de estratégias capazes de captar antecipadamente os problemas do espaço, promovendo soluções adequadas;
3. Monitorar os objetivos, identificando os problemas e as possíveis potencialidades da área, contanto com a participação dos usuários desde as primeiras concepções do projeto até sua fase final.

De acordo com Januzzi e Razente (2007), para que a revitalização seja bem-sucedida, deve-se primeiro deixar bem claro os objetivos principais, elencar quais as necessidades de infraestrutura da área, levando sempre em consideração a malha viária existente e os elementos do entorno para que tenham uma relação coerente. Os autores abordam que são várias as atividades incluídas nesse tipo de intervenção, entre elas estão: o lazer, o comércio, os serviços, o turismo, a cultura e a habitação. E através destes feitos, a revitalização proporciona vida ao meio em que é aplicada, interferindo positivamente nos espaços, nas relações humanas, em seu modo de funcionamento e até mesmo nas questões ambientais.

Fica claro que a revitalização é um método muito importante que, a partir do diagnóstico das condições em que área se encontra, traça metas para realizar bons projetos visando resgatar espaços degradados, vazios, sem vida e sem função social.

Sabendo disso, é fundamental salientar alguns assuntos e estratégias relevantes a respeito dos projetos destinados à revitalização das praças, para que se evitem equívocos e, assim, possam permitir o uso constante nesses lugares.

O primeiro aspecto, explicado por Macedo (1995), é sobre a utilização de plantas nas praças, onde elucida que nem sempre o ajardinamento é o elemento que fará com que a praça cumpra a sua função de espaço social. Da mesma forma, cita que é um erro reduzi-las apenas a espaços de lazer para que sejam consideradas praças. Logo, é preciso cautela no planejamento desses espaços, atendendo-se, primeiramente, à dinâmica do entorno e da sociedade.

Concordando com o autor acima, Alex (2011) ressalta sobre a questão de utilizar o paisagismo e o lazer como critérios únicos para o planejamento das praças; um erro que pode condenar seu uso. Além disso, o autor alerta que, para se conquistar os objetivos estipulados pelos procedimentos da revitalização, deve-se seguir algumas orientações importantes relacionadas ao desenho dos espaços públicos, de forma que garanta o seu uso constante no futuro. São elas:

- Facilidade de acesso pelas pessoas;
- Articulação com o entorno;
- Bom espaço para circulação de pedestres, como calçadas largas;
- Usos variados que estimulem o uso por diferentes públicos;
- Oferecer funções que atendam às demandas locais;
- Avaliação de pós-ocupação da praça;

Sobre a facilidade de acesso, Nucci (2008) explica que a distribuição das praças é um fator que está atrelado diretamente à acessibilidade desse espaço. Expõe que esse local coletivo não pode estar muito longe do alcance das pessoas, pois o fato de ter que andar por muito tempo ou atravessar grandes avenidas, faz com que sua utilização se reduza com o tempo.

Sobre os usos e funções, Alex (2011) explica que os projetos de praças não podem ser iguais, pois devem ter uma coerência com os locais onde estão inseridas. Por isso, esclarece que, a partir do conhecimento que se tem sobre os fatores econômicos e culturais do lugar em que a praça se encontra, será possível desenvolver bons projetos voltados para a função à que se destina.

Complementando a afirmação acima, Leitão (2002) faz uma relação entre as funções das praças, de acordo com o local de implantação, com o uso e o estado final de conservação desses espaços. A autora explica que quando os projetos de praças

se adaptam à realidade do entorno, há uma consequência direta “na manutenção do espaço público, uma vez que quanto mais a população usa um determinado espaço, quanto maior a frequência, menor é a oportunidade de depredação desses espaços” (LEITÃO, 2002, p. 25).

Já a avaliação de pós-ocupação do espaço público é empregada como suporte do projeto e aborda se os requisitos foram atendidos, por exemplo, os motivos dos locais estarem sendo utilizados ou não, se a praça atingiu o resultado esperado, etc. Alex cita Ornstein e Romero (1992) ao afirmarem que a avaliação pós-ocupação é um processo que “compara sistemática e rigorosamente o desempenho real da construção com os critérios de desempenho estabelecidos explicitamente” (ALEX, 2011, p. 27). E completa na mesma página:

Com critérios racionais de projeto, podem-se conferir as qualidades necessárias ao espaço do convívio social. O uso fornece elementos de articulação entre os espaços públicos, promovendo e ampliando a diversidade dos usuários. Verificar o uso do espaço é fundamental para revelar as necessidades dos frequentadores e assinalar os pontos positivos e negativos dos lugares.

Concluindo a questão do uso das praças, Nucci (2008) reitera que esse fator está vinculado também à qualidade ambiental do espaço existente. Logo, o autor orienta que as praças devem ser agradáveis e com características estéticas, além de “acomodações e instalações variadas de modo a facilitar a escolha individual. Devem ser livres de monotonia e isentos das dificuldades de espaço e da angústia das aglomerações urbanas” (NUCCI, 2008, p. 109).

Apreendendo o que foi dito, fica clara a importância de se levantar algumas considerações antes de iniciar o processo do planejamento das praças e suas respectivas revitalizações. Sendo assim, na tentativa de resgatar praças deterioradas, esse modelo de intervenção e suas características foram aplicadas em algumas cidades, onde se obteve bons resultados que transformaram a paisagem urbana e a vida dos habitantes, melhorando a dinâmica de usos nesses espaços.

3.3.2 Exemplos de praças revitalizadas

Nesse subcapítulo, foram selecionados cinco bons exemplos de intervenções em praças: uma nos Estados Unidos, uma na Europa e três exemplos no Brasil.

3.3.2.1 Bryant Park - Nova York, NY

Durante o século XIX, era chamado de Reservoir Square, pois se encontrava no mesmo quarteirão onde funcionava um antigo reservatório. No mesmo século, passou a ser chamado de Bryant Park²⁷ em homenagem a William Cullen Bryant, jornalista e poeta que defendeu a abolição da escravatura.

Em 1889, o reservatório foi demolido e no local ergueu-se a biblioteca pública da cidade. Pela presença do edifício o local também ficou conhecido como Praça da Biblioteca Municipal de Nova York. Anos depois foram construídos quiosques no local e a estátua de William Bryant, para condecora-lo, foi colocada no parque à vista de todos os que passam por lá.

Durante as décadas de 1930 e 1970, o parque ficou degradado, principalmente pelas atividades ilegais, como a venda de drogas, o que acabou afastando as pessoas da área. Porém, entre 1991 e 1992, o Bryant Park passou por diversas reformas que começaram a mudar a paisagem do local. Entre os principais objetivos, estavam a retirada de obstáculos que dificultavam a acessibilidade e a visão dos usuários no espaço.

Figura 33 – Antes e depois da reforma do Bryant Park, Nova York



Fonte: ALEX, 2011, p. 29

A partir disso, nova iorquinos e também turistas passaram a frequentar novamente o lugar. No dia da inauguração, depois da intervenção, uma das sugestões para a utilização constante no espaço foi a disposição livre de cadeiras removíveis para que as pessoas pudessem sentar onde preferissem. Após um ano do evento, esse número praticamente se duplicou.

²⁷Informações retiradas do site Visitar Nova York. Disponível em: <<http://visitarnovayork.com/bryant-park-em-nova-york/>>. Acesso em: 26 out. 2018.

De acordo com ALEX (2011), a avaliação pós ocupação destacou as seguintes características observadas após a reforma da área:

1- A percepção da segurança foi considerada a primeira razão da nova popularidade do local. 2 - O melhoramento no acesso visual e físico foi responsável pelo aumento do uso. 3 - A presença da polícia, de guardas e pessoal da manutenção contribuía para o aumento da percepção de segurança (ALEX, 2011, p.30).

Figura 34 – Bryant Park, com a Biblioteca Pública de Nova York ao fundo



Fonte: Wikipédia, 2012²⁸

3.3.2.2 Plaza de la Encarnación – Sevilha, Espanha

O projeto conhecido como Metropol Parasol²⁹, localizado na Plaza de la Encarnación, foi iniciado em 2005 e concluído apenas em 2011. A grande estrutura de madeira, denominada de Las Setas de La Encarnación (“Os cogumelos da Encarnación”), deu uma nova dinâmica de uso para o Centro Histórico de Sevilha, tornando-se num grande ponto atrativo para o encontro dos habitantes.

Pensado pelo arquiteto Jürgen Mayer, o objetivo dessa megaempreitada, além da revitalização da praça, era apresentar à capital andaluza e ao mundo uma construção arquitetônica imponente, que até então não existia na cidade. Composto

²⁸WIKIPÉDIA. **Bryant Park**. 2012. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bryant_Park#/media/File:New-York_-_Bryant_Park.jpg>. Acesso em: 25 out. 2018.

²⁹COSTA, C. **S. Metropol Parasol em Sevilha**. 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/11.130/4066>>. Acesso em: 25 out. 2018.

por várias treliças de madeira, o gigantesco cogumelo, com 150 metros de comprimento e 28m de altura, ultrapassa o tamanho dos edifícios circundantes, e a sensação é de que parece estar flutuando acima da praça. Nas bases de concreto aparente estão os elevadores e escadas que dão acesso a outros níveis do local.

O Metropol Parasol está situado numa área onde funcionava um antigo convento e o Mercado Público, ambos demolidos em 1983. Ineficiente, o mercado se apresentava em condições anti-higiênicas, além de causar problemas de trânsito. Planejamentos de recuperação para o lugar começaram a se desenvolver, no entanto, nada foi feito. O espaço sem atrativos, passou a ser ocupado por carros até se converter num estacionamento.

Atualmente, além da sombra conferida pela estrutura ao nível térreo, outros usos estão distribuídos entre os cinco pavimentos construídos, como: lojas, lanchonetes, o novo Mercado Municipal, bares, restaurantes, etc. Há ainda um museu arqueológico (Museo Antiquarium de Sevilla) no subsolo e um mirante panorâmico (Sky Walks) com passarelas que acompanham o formato do cogumelo, instalado na parte superior da obra.

Figura 35 – Implantação do Metropol Parasol



Fonte: COSTA, C. S., 2011³⁰

Figura 36 – Vista do Metropol Parasol



Fonte: COSTA, C. S., 2011³¹

A obra gerou polêmica e divergiu muitas opiniões sobre o modelo arquitetônico presente no centro de Sevilha. As críticas voltaram-se ao impacto visual entre arquitetura histórica existente e mega escultura proposta. Mas, a defesa do projeto acredita que é justamente essa composição que dá contraste e notoriedade à cidade,

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

além de se constituir como um marco monumental na arquitetura espanhola, através de sua infraestrutura única que atrai e dá qualidade de vida aos cidadãos.

3.3.2.3 Praça Victor Civita – São Paulo, SP

A Praça Victor Civita está localizada no município de São Paulo e possui uma área de 15 mil m². O local onde funcionava o incinerador de Pinheiros, se converteu num espaço bastante degradado devido à grande quantidade de resíduos tóxicos presentes na área, contaminando o solo.

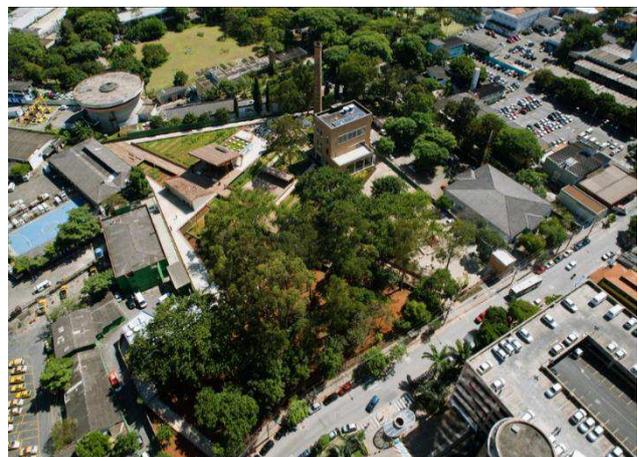
O projeto iniciado em 2006 e entregue em 2008, de autorias da Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch, contou com a participação de empresas públicas e privadas, entre elas a Editora Abril³², cujo o nome dado à praça é uma homenagem ao fundador da revista, Victor Civita. Visando o resgate da paisagem deteriorada, os envolvidos apresentaram soluções inovadoras baseadas em questões ecológicas e sustentáveis, como: a redução do consumo de energia e água, a utilização de materiais reciclados e a diminuição dos entulhos.

Figura 37 – Localização da Praça Victor Civita



Fonte: Archdaily, 2011

Figura 38 – Praça Victor Civita



Fonte: Archdaily, 2011

A praça, que passou a ser denominada de “Espaço Aberto da Sustentabilidade”, apresenta um conjunto de ambientes que foram construídos para a população, com o objetivo de ensinar sobre temas relacionados aos cuidados com o

³² A Editora Abril, em homenagem aos 100 anos do seu fundador, passou a ser uma das maiores investidoras na revitalização da praça. Disponível em <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=129511>>. Acesso em 24 out. 2018.

meio ambiente. Entre os ambientes criados estão: o Museu da Reabilitação, o Centro da Terceira Idade, a Oficina de Educação Ambiental, o Núcleo de Investigação de Águas e Solos subterrâneos e a Praça de Paralelepípedos. Junto a essas ações, também foram levantados outros questionamentos sobre o uso desse espaço público, como a sustentabilidade econômica, cultural e ecológica.

O primeiro item fala que a utilização da praça, após sua renovação pelos custeios públicos e privados, tornou esse espaço autossustentável através de variadas atividades que ocorrem na área. A sustentabilidade cultural tem como premissa estimular a educação e a cultura na comunidade que utiliza a praça, por meio das instalações voltadas a esse fim. E a sustentabilidade ecológica, contando com a cooperação de instituições que realizam pesquisas científicas, oportuniza os estudos locais para avaliar conteúdos relevantes sobre os cuidados com o meio ambiente.

3.3.2.4 Praça Bom Jesus – Anápolis, GO

Outro exemplo de recuperação aconteceu na Praça Bom Jesus³³, em Anápolis – GO, concluída em 2012. A praça, considerada o cartão postal da cidade, apresentava muitos problemas de acessibilidade para os pedestres, com calçadas estreitas e danificadas, e trânsito intenso, devido à quantidade de veículos que circulavam no local.

Por isso, baseada em diretrizes para a acessibilidade, a prefeitura de Anápolis buscou modificar as condições da sinalização e do passeio, além de adicionar equipamentos destinados ao lazer para os anapolinos. Entre as melhorias no espaço estão: a construção de banheiros, área de alimentação, um espaço organizado para os comerciantes locais, novos mobiliários, pergolados, a recuperação da fonte, repaginação do piso e um novo paisagismo para a praça. O projeto buscou também manter o passado histórico da praça, através da preservação do prédio da Secretaria Municipal de Cultura, tombado como Patrimônio Histórico da cidade.

A partir de parcerias entre a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), o Sindicato da Construção e do Mobiliário de Anápolis (SICMA) e a Associação

³³ Informações retiradas do portal da Prefeitura de Anápolis. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/multimedia/noticias/ver/pra-a-bom-jesus-entregue-popula-o>>. Acesso em: 25 out. 2018.

Comercial e Industrial de Anápolis (ACIA), o projeto utilizou o Guia Prático para a Construção de Calçadas para a adequá-las de acordo com o Plano Diretor da cidade. Além disso, a Companhia Municipal de Transportes de Anápolis (CMTT) também contribuiu para dispersar para outras vias as várias linhas de transporte público que geravam engarrafamento no local.

Outro propósito que mobilizou a revitalização da praça foi devolver a vida a esse centro comercial. Por estar numa localização estratégica da região Centro-Oeste, a área se transformou num grande polo industrial, mas pela decadência em que se encontrava, a população costumava viajar para outros municípios vizinhos para fazer negócios, realizar compras, entre outras atividades comerciais.

Figura 39 – Praça Bom Jesus



Fonte: Prefeitura de Anápolis, 2012.³⁴

O arquiteto e urbanista consultor da ABCP, Guilherme Takeda, atribui ao projeto o termo de “Acupuntura Urbana”³⁵, intencionando que os benefícios conquistados pela revitalização se propagassem para outros bairros da cidade, ou até mesmo para outros municípios. O mesmo declarou que “uma ação bem planejada, executada em um determinado espaço, irá irradiar desenvolvimento por onde ele ainda não chegou”.

³⁴ Prefeitura de Anápolis. **Praça Bom Jesus é entregue à população**. 2012. Disponível em: <<http://www.anapolis.go.gov.br/portal/multimedia/noticias/ver/pra-a-bom-jesus-entregue-popula-o>>. Acesso em: 25 out. 2018.

³⁵ As informações sobre o termo e as parcerias realizadas no projeto foram retiradas do site Soluções para Cidades, disponível em: <<http://solucoesparacidades.com.br/mobilidade/anapolis-centro-vivo-cidade-nova/>>. Acesso dia 25 out. 2018.

3.3.2.5 Praça Dom Pedro II – São Luís, MA

Em São Luís, a Praça Dom Pedro II³⁶ foi reformada e entregue no dia 07 de setembro de 2018, vésperas do aniversário dos 406 anos da capital maranhense. Sua reforma faz parte do conjunto de obras que aconteceram durante a gestão do prefeito Edvaldo Holanda Júnior, em parceria com o IPHAN, com o objetivo de recuperar os espaços públicos da área central da cidade. A praça Dom Pedro II foi a primeira a ser construída em São Luís durante o mandato do governador Marechal Bernardo da Silveira Pinto de Fonseca, em 1821.

Foram feitos vários reparos na pavimentação, como a retirada da vegetação sem vida e plantio de novas espécies, instalações de novos mobiliários, melhora na iluminação e reforma do chafariz. Porém, o destaque da revitalização é a estátua da Mãe d'Água Amazônica, que foi restaurada e colocada de volta à praça. A peça foi instalada no espaço em 1950, depois transferida para o Museu Histórico e Artístico em 2015, retornando à praça no ano da conclusão da reforma.

Figura 40 – Destaque para a estátua Mae d'Água



Fonte: Portal Iphan, 2018³⁷

Figura 41 – Fonte de água na Praça D. Pedro II



Fonte: O Imparcial, 2018³⁸

No local estão também importantes prédios públicos, entre eles o Palácio dos Leões (sede do Governo Estadual), o Palácio La Ravardière (sede do Governo Municipal), o Tribunal de Justiça do Estado e a Catedral Metropolitana. Diversos

³⁶ IPHAN. **São Luís (MA) comemora aniversário com a primeira praça da capital totalmente revitalizada.** 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4806/sao-luis-ma-comemora-aniversario-com-a-primeira-praca-da-capital-totalmente-revitalizada>>. Acesso em: 25 out. 2018.

³⁷ Ibidem.

³⁸ O IMPARCIAL. **Praça D. Pedro II, primeira praça de São Luís, é restaurada e entregue.** 2018. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2018/09/praca-d-pedro-ii-primeira-praca-de-sao-luis-e-restaurada-e-entregue/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

estilos arquitetônicos também se misturam, como a *art nouveau*, neoclássica e pombalina.

Fábio Henrique Carvalho, subprefeito do centro Histórico de São Luís, falou da importância da revitalização da praça para o turismo e para paisagem da cidade. O mesmo comemorou o sucesso da intervenção ao comentar que esse local “[...] é um espaço que agrega muito, faz com que novos elementos sejam incorporados nesta Praça e fortalecendo o turismo, fortalecendo a imagem da cidade, fortalecendo a cidade como um todo em embelezamento”³⁹.

Baseados nos exemplos expostos, percebe-se que cada boa intervenção se apoia, especialmente, nas necessidades sociais, econômicas e ambientais de cada área e, através disso, transforma o espaço, devolvendo a ele a dinâmica que faltava e/ou atribuindo novas funções. Com isso, conclui-se o quão importante são as revitalizações para as praças e outros espaços públicos, para oferecer aos cidadãos ambientes agradáveis que estimulem diariamente os usos e convívios variados.

Atendendo-se para as carências locais, os projetos podem intercalar desenhos atrativos para os espaços com princípios de acessibilidade, integração com o entorno, conforto e bons mobiliários para garantir a permanência nessas áreas. No entanto, para afastar qualquer ameaça de degradação, é essencial que a população e a administração pública trabalhem em conjunto para manter sempre o local como um polo gerador de vida urbana.

Diante dessas informações, antes que se inicie um processo de revitalização, é preciso ter conhecimento da história do local onde acontecerá a intervenção. Portanto, no próximo capítulo será abordado um contexto histórico sobre o bairro do Coroadó e uma análise da praça da Conquista e seu entorno, objeto de estudo desse trabalho para o qual será proposto um modelo de revitalização.

³⁹ Entrevista concedida à equipe do O Imparcial, 2018. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/cidades/2018/09/praca-d-pedro-ii-primeira-praca-de-sao-luis-e-restaurada-e-entregue/>>. Acesso em: 25 out. 2018.

4 A PRAÇA DA CONQUISTA NO BAIRRO DO COROADO

Para o planejamento de um espaço público com a qualidade é necessário que desde o início do processo haja um estudo aprofundado da dinâmica do território que receberá tal intervenção. Entender as demandas locais e as necessidades de quem frequentará o espaço produzido evitará o fracasso do projeto, impedindo mais um vazio urbano na cidade.

Logo, neste capítulo, primeiramente será apresentada a localização e o contexto histórico do bairro em que se encontra a área de estudo. Em seguida, serão analisados, a partir de recursos metodológicos, tanto o espaço para onde será proposto a revitalização quanto sua região de entorno.

4.1 Localização e contexto histórico do bairro

Localizado no município de São Luís – MA, o Coroado se caracteriza como um bairro periférico, delimitado pela Avenida dos Africanos e Avenida João Pessoa, e pelos bairros do João Paulo, Barés, Redenção e Filipinho. De acordo com o zoneamento pelo Plano Diretor, presente na Lei nº 3.253/1992, se encontra na ZIS 1 – Zona de Interesse Social.

Figura 42 – Mapa da delimitação do Coroado



Fonte: Google Earth com edições da autora, 2018.

Pela definição no Artigo 242, “Zona de Interesse Social é a área que, pelas suas características de ocupação já consolidadas, merece tratamento especial, ou

que permitirá a implantação de cunho social”. Diante do inciso I do artigo 4º, Lei nº 3255/1992, que fala da criação das Zonas de Interesse Social e das normas de parcelamento, uso e ocupação do solo, a ZIS 1 se classifica como “áreas ocupadas espontaneamente por assentamentos habitacionais da população de baixa renda, onde existe interesse social em se promover a regularização jurídica da posse da terra e a sua integração na estrutura urbana”.

A partir da segunda metade do século XX, São Luís passou por um intenso processo de urbanização provocado pelo êxodo rural, onde pessoas migravam dos interiores atraídas pela industrialização que ocorria na cidade. A VALE, antiga Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), e a ALUMAR (Consórcio de Alumínio do Maranhão) são exemplos de empresas que se instalaram em São Luís, configurando-se como grandes polos industriais de atração.

De acordo com Cunha, Lucena e Silva (2014), durante esse período a capital maranhense sofreu muitas mudanças na organização do seu território causadas pelo crescimento desordenado. Sem planejamento urbano adequado, não havia infraestrutura e nem serviços públicos básicos para oferecer à população que chegava na cidade.

Concomitante à essa situação, os interesses e privilégios da classe capitalista dominante junto ao Estado comandavam a ordenação e ocupação de São Luís. Isso acarretou na divisão desigual e excludente das terras citadinas, gerando uma segregação socioespacial.

O preço do solo, determinado pelo mercado imobiliário, dificultava mais ainda a vida da população com menos recursos a garantir um espaço de terra para morar. Conseqüentemente, essa realidade levou a camada mais pobre da população a ocupar as regiões mais periféricas da cidade, que se apossaram de espaços privados e públicos, e deram início às ocupações irregulares.

Este processo deu origem a áreas com déficit de serviços básicos como segurança pública, abastecimento de água, coleta de lixo, esgoto e saúde de qualidade, e outras áreas com uma infraestrutura deficiente e com serviços públicos funcionando de forma precária. Os grandes aglomerados urbanos formam-se a partir de um modelo urbano desigual, e junto com os centros urbanos advém também a desigualdade socioespacial, verificada mais nitidamente com a expansão das periferias. Este sistema produz regiões de extrema pobreza, expressas na segregação de serviços e na hierarquização das cidades em rede (MASULLO, NASCIMENTO E CARVALHO, 2013, p. 37).

É nesse contexto que surge o bairro do Coroado⁴⁰, aproximadamente no ano de 1971. Composto por uma população de baixa renda e muitos desempregados, a formação do bairro começou a partir da ocupação de parte do território Kennedy – Bacanga, terras de posse da União, destinadas à Marinha. Com característica de manguezal, a área era muito alagada e coberta de vegetação.

Pereira (1997) descreve que o nome dado à região foi motivado pela novela Irmãos Coragem, exibida pela Rede Globo em 1970. Na trama, havia uma cidade fictícia denominada Coroado, destruída e reconstruída rapidamente, fazendo uma alusão à forma como se deu a construção das primeiras habitações no bairro. O nome, no diminutivo, foi agregado ainda ao periférico bairro do Coroadinho. O historiógrafo e professor da UFMA, MMJB (2014), citado por Matos (2014), afirma:

O nome Coroadinho tem a ver com a denominação dada anteriormente ao bairro do Coroado [...]. Assim, quando foi dado início ao processo de ocupação da área do atual Coroadinho, a denominação foi estendida ao ele como uma projeção menor. Daí, ao que me parece, o diminutivo! (MMJB, 2014 apud. MATOS, 2014, p. 322).

Os antigos ocupantes do Coroado alegam que o motivo da posse se justificava por não haver donos daquelas terras, por serem devolutas e por não terem nenhum fim específico para uso futuro. O bairro também servia de ponto estratégico para o esconderijo de criminosos, já que o acesso da polícia era mais difícil.

O processo inicial da ocupação foi bastante conturbado, um período marcado pela luta da comunidade contra as represálias feitas pelo poder público. “Ameaças por parte do governo na pessoa do sargento Silva, que oprimia e derrubava casas, fez com que houvesse várias noites de vigília” (UNIÃO DE MORADORES DO COROADO, 1991, p. 2 apud PEREIRA, 1997, p. 44).

Essa situação mudou quando a posse das terras foi passada da União para a Prefeitura de São Luís em 1978. Através da SUCARP (Sociedade de Melhoramentos e Urbanismo da Capital S.A), setor que elaborava estudos e projetos para a prefeitura, o Coroado foi finalmente legalizado e, posteriormente, dividido em lotes.

No entanto, mesmo com a legalização, o bairro possuía sérios problemas de infraestrutura decorrentes da ausência de drenagem e saneamento básico, resultando

⁴⁰ Com exceção de trechos citados por outros autores, toda a parte histórica sobre o bairro foi tirada da monografia: **A expansão urbana em São Luís: o caso do Coroado**, de autoria de Maria José da Rocha Pereira (1997).

numa situação ambiental precária para se viver. No período das chuvas esses problemas se agravavam, pois, devido a sua condição topográfica mais baixa que os bairros vizinhos, as águas pluviais escorriam em direção à região, inundando as ruas e casas e causando diversos transtornos e perdas materiais para a população (figura 43).

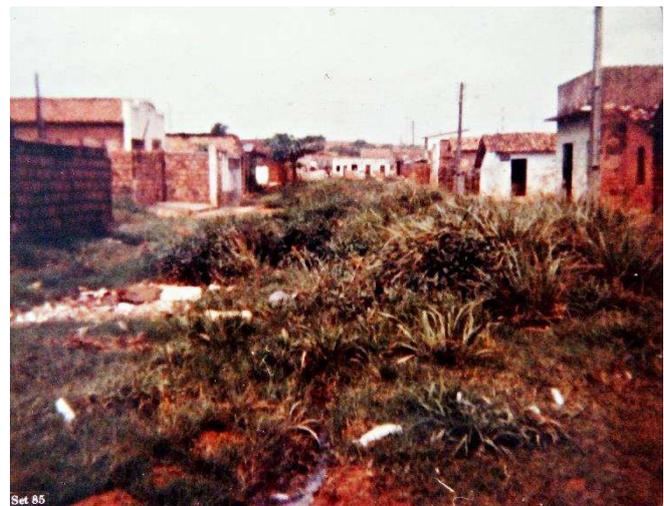
Além disso, a comunidade ainda enfrentava dilemas com a falta de energia elétrica e água encanada, problemas de moradia, ausência de pavimentação (figura 44), entre outros. Logo, visando denunciar as condições em que se encontravam, foram feitas diversas campanhas, mutirões e mobilizações pelos habitantes para chamar atenção do poder público. Através de muita luta e com a formação da União de Moradores, entidade que estava sempre à frente na busca por um bairro melhor, a realidade foi aos poucos se transformando.

Figura 43 – Rua alagada pelas chuvas



Fonte: COSTA, S. B., 1985⁴¹

Figura 44 – Rua coberta por vegetação



Fonte: COSTA, S. B., 1985

Uma parceria entre as organizações do bairro com a FASE (Federação das Organizações de Assistência Social e Educacional), foi construída uma pequena fábrica de tijolos para mudar o padrão das casas, antes feitas de barro. Outra melhoria, através de interesses dos políticos em época de eleição, a energia elétrica foi levada até o bairro.

Em 1989, a comunidade junto aos estudantes de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), organizaram um folheto que circulava

⁴¹ Fotografias conseguidas com Silvana Costa Barbosa, moradora e ex-presidente da União de Moradores do bairro do Coroadó.

denunciando o modo de vida que a população se encontrava. Os manifestantes utilizavam outros meios, como rádio e jornais, para dar visibilidade aos problemas e pressionar o poder público.

No ano de 1993, organizaram a campanha “Drenagem Já”, onde enviaram diversos documentos aos órgãos públicos reivindicando reformas. No ano seguinte, parte dessa demanda foi cumprida e as obras de drenagem e pavimentação urbana foram iniciadas com responsabilidade da SEMFRA (Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana). Com essas mudanças, outras áreas também foram melhoradas, através da reparação das escolas do bairro, bem como a criação de praças para a população (figuras 45 e 46).

Figura 45 – Praça do Mururu



Destaque para o Centro Comunitário, onde funcionava a antiga Rádio Conquista FM.
Fonte: COSTA, S. B., [1994?]

Figura 46 – Parte da Praça da Conquista



Em destaque está a Unidade de Ensino Básico Rosa Mochel.
Fonte: COSTA, S. B., [1994?]

Analisando as informações, observa-se que tudo o que bairro conquistou se deu através da união dos esforços dos próprios moradores, frente às deficiências de infraestrutura resultantes do processo desordenado e excludente da urbanização de São Luís. É uma realidade que abrange, não só o Coroadó, mas as outras regiões que se formaram na periferia da cidade, segregadas pela falta de planejamento urbano.

4.2 Metodologia de estudo

Para efeito do estudo do espaço que receberá a proposta de revitalização no bairro do Coroadó, neste capítulo foram utilizados os métodos descritos pela arquiteta e urbanista Simone Gatti (2013), em sua obra “Espaços Públicos: Diagnóstico e

metodologia de projeto”. A autora apresenta diretrizes para análises e uma série de orientações tanto para melhorar os espaços públicos existentes quanto para o planejamento de novas áreas com qualidade. Entre as instruções para o diagnóstico do ambiente estão:

1 – Analisar o entorno da área de intervenção: esse estudo ajuda a identificar a dinâmica do bairro, quais os usos estabelecidos no entorno da região, os fluxos de automóveis e pedestres e a infraestrutura.

2 – Analisar o espaço que receberá o projeto: nessa parte é diagnosticada a área da intervenção, especificamente, que no caso desse trabalho é a Praça da Conquista. São apontados a estrutura do ambiente, como as pessoas utilizam o espaço, as condições dos mobiliários, a infraestrutura da pavimentação, a questão do conforto, a arborização da praça, entre outros.

Parecido com o método de Gatti (2013), nessa etapa também foram estudadas algumas formas de avaliações de espaços públicos orientadas por Lúcia Leitão (2002) a partir do guia intitulado “As Praças Que a Gente Tem, as Praças Que a Gente Quer: manual de procedimentos para intervenção em praças”. No documento, a autora explica o que deve ser feito, como e o porquê de estudar o espaço público antes de qualquer intervenção. Logo, deve-se conhecer a área da intervenção, compreender as necessidades locais, analisar as características do entorno, identificar os seus usuários e avaliar as funções atuais da praça e suas potencialidades.

O estudo resultou na produção de mapas, levantamento fotográficos e das medidas da região, enriquecido também com os resultados extraídos do questionário respondido pelos moradores do bairro.

4.3 Delimitação da área de intervenção e análise do entorno

Para Gatti (2013), analisar o entorno é essencial antes do desenvolvimento do projeto, pois deve existir uma integração da área circundante com o novo espaço a ser produzido. O levantamento da região ajuda a identificar pontos de como o entorno se relacionará com esse novo recinto e como o mesmo impactará na dinâmica do local.

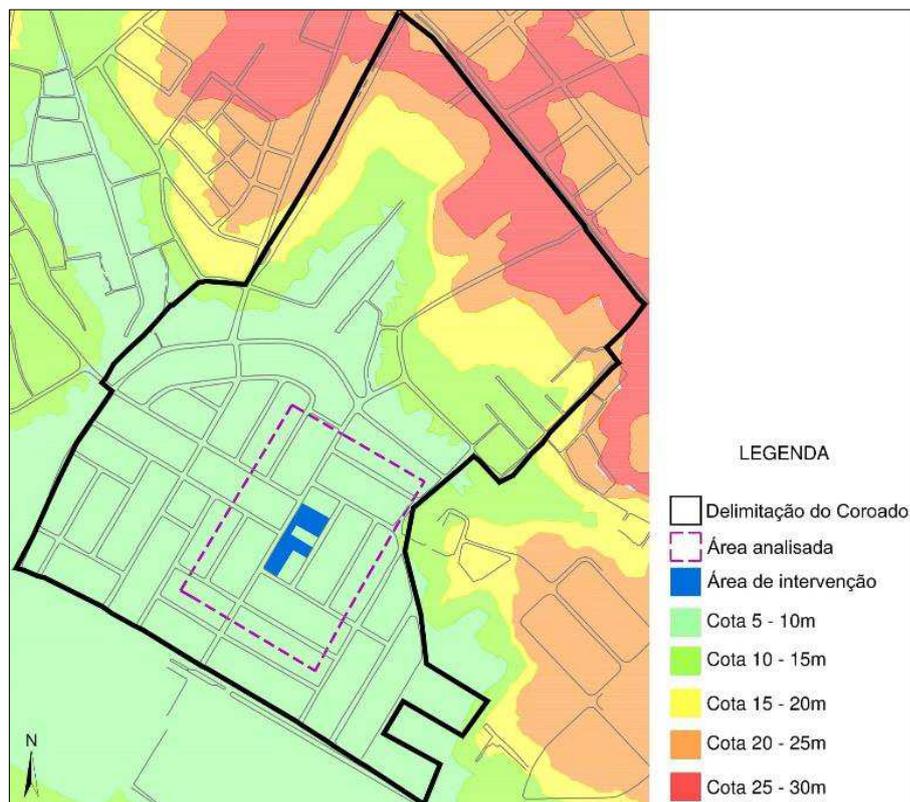
Leitão (2002) explica que para efeito da análise deverá ser levantando o tipo de ocupação das áreas próximas e como o sistema viário se relaciona com a praça. A conclusão dessa análise permite reconhecer quais funções o futuro espaço poderá

desempenhar e como a área pode ser aproveitada da melhor forma. Para a autora “projetar a praça sem considerar o entorno implica desconsiderar informações relevantes para um projeto de qualidade” (LEITÃO, 2002, p.33).

4.3.1 Mapa da hipsometria local

O estudo hipsométrico permite ter uma noção do comportamento do relevo local, esclarecendo, principalmente, como ocorre o escoamento das águas pluviais. A partir disso, pode-se integrar ao projeto da praça maneiras que impeçam o acúmulo de água no ambiente, se for o caso, através da escolha de um tipo de piso drenante, por exemplo.

Figura 47 – Mapa da hipsometria local



Fonte: Base cartográfica de São Luís com edições da autora, 2018

Como mostrado no mapa, o Coroadó tem uma topografia que varia entre as cotas 5m e 25m. Em relação aos bairros vizinhos, a maior parte do seu território encontra-se numa região mais baixa, o que justifica os alagamentos no período das chuvas, como já foi citado anteriormente. Mesmo depois da construção do canal, esse

problema ainda permanece, pois um dos fatores que contribui para a situação é o acúmulo de lixo que acaba prejudicando o escoamento da água.

Conseqüentemente, essa realidade constitui-se num ponto negativo para o projeto da praça, pois percebe-se que as áreas em análise estão totalmente dentro da cota de 5m. É, portanto, fundamental que haja um estudo mais aprofundado nessa questão para que sejam feitas algumas melhorias, como a implantação de novas bocas de lobo, para facilitar a vazão das águas pluviais. No entanto, a construção de áreas permeáveis e a utilização de pisos facilitadores da drenagem podem servir como artifícios para amenizar essa situação.

4.3.2 Mapa de usos

Figura 48 – Mapa de usos



Fonte: Base cartográfica de São Luís com edições da autora, 2018

Verificar e mapear o uso do entorno é importante, porque este precisa se conectar com a nova área que será projetada, o que possibilitará tirar partido dos

elementos ou edificações que se encontram ao redor, decidindo onde serão melhor instalados os equipamentos necessários para essa integração. Por exemplo, como afirma Gatti (2013, p. 31) “uma escola localizada em uma das faces do terreno de uma praça indica que neste ponto deverá ter um acesso com travessia sinalizada e poderá ser previsto um espaço de estar e convívio para os estudantes”.

No mapa de usos (figura 48) observa-se que o uso residencial unifamiliar é o que predomina na região. Outros usos identificados na leitura da imagem, em ordem de predominância, são: usos mistos, onde funciona residência e comércio, residencial multifamiliar (quitinetes), religioso, serviços, comércio e educação. Nota-se ainda que a maior parte do uso misto se concentra na rua Minerva, logradouro principal do bairro. Entre esses usos, estão casas que destinadas à moradia e à venda de lanches, principalmente aquelas que se encontram na região próxima à área de intervenção.

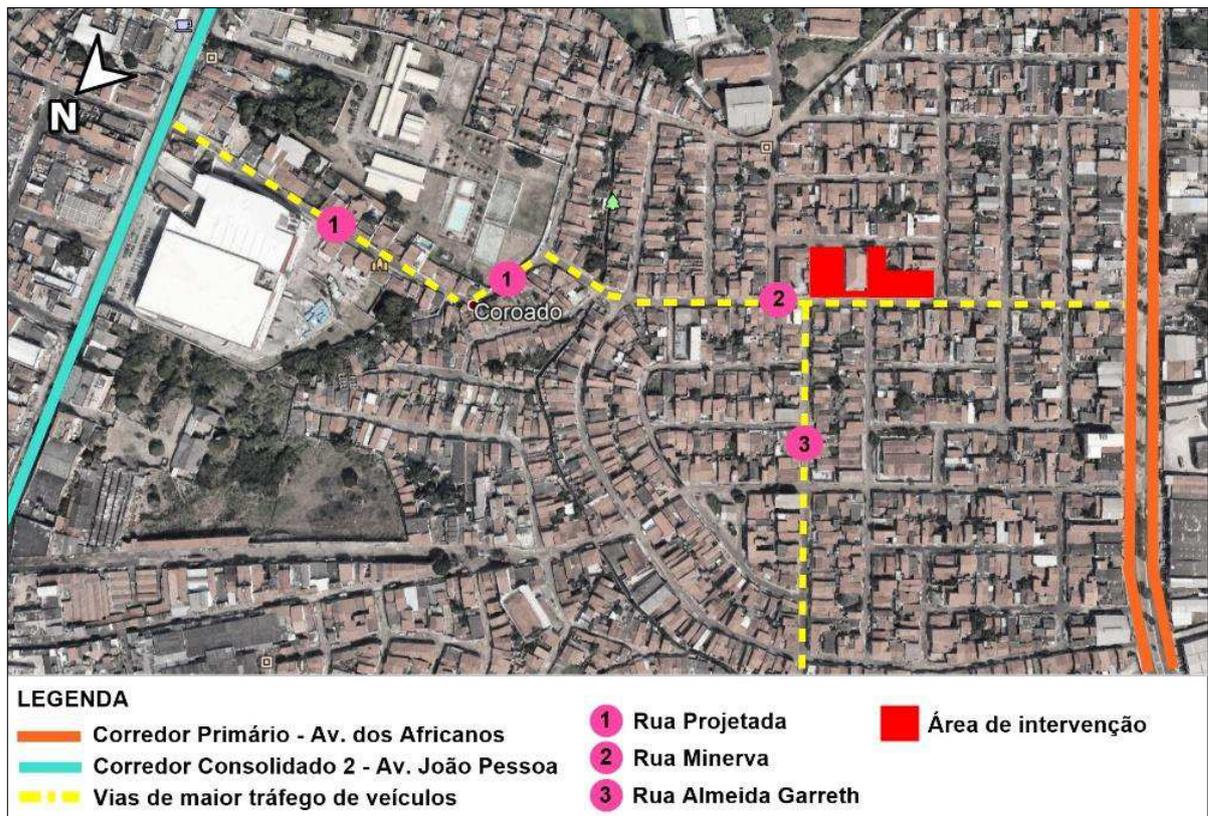
Aproveitando essa dinâmica, no projeto será proposto um espaço para os usuários que vão a esses locais para lancha, como um mobiliário melhor, já que os únicos lugares para sentar são os poucos bancos existentes ou parte de alvenaria dos canteiros, ambos em más condições e que serão mostrados no mapa da estrutura existente.

4.3.3 Mapa de vias

De acordo com a hierarquia das vias urbanas de São Luís, o Coroado encontra-se entre duas avenidas principais: a Avenida dos Africanos e João Pessoa, sendo que a Rua Minerva e a Rua Projetada servem de ligação entre essas duas avenidas. Já as ruas Minerva e Almeida Garreth fazem parte da rota dos ônibus Coheb/Cerâmica e Vila dos Nobres. Sendo assim, esses três logradouros formam o conjunto de vias de maior tráfego de veículos do bairro.

Observando o mapa, percebe-se que uma das faces da área de intervenção está voltada para a Rua Minerva, onde há maior fluxo de veículos e pessoas. Por não haver nenhum tipo de sinalização ou obstáculo que reduza a velocidade dos veículos que trafegam por ela, é necessária uma faixa de pedestres, principalmente para a segurança das crianças que entram e saem da escola ao lado da área.

Figura 49 – Mapa de vias



Fonte: Google Earth com edições da autora, 2018

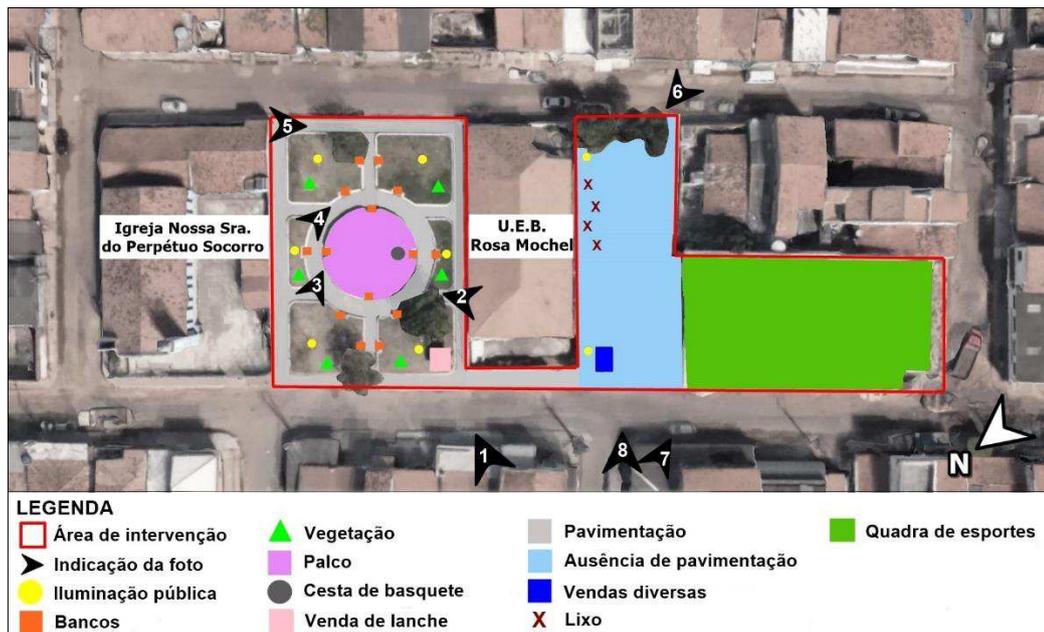
4.4 Leitura e diagnóstico da praça

Leitão (2002) aconselha que se deve conhecer exhaustivamente a área que vai receber a intervenção, pois isso garantirá que o projeto tenha uma harmonia com seu local de inserção, respondendo às demandas locais e às necessidades dos usuários. A autora instrui que, para que o projeto seja assertivo, deve-se adquirir o maior número de dados possíveis sobre a região, por meio de visitas em dias e horários distintos, observação da dinâmica do espaço e levantamento fotográfico.

4.4.1 Mapa da estrutura existente

O mapa ajuda a compreender a utilização de um espaço público, podendo mostrar a deterioração da infraestrutura do espaço, resultantes da falta de manutenção. Seguindo alguns artifícios de Gatti (2013), foram levantados a quantidade e as condições das estruturas e equipamentos existentes na praça.

Figura 50 – Mapa da estrutura existente



Fonte: Google Earth com edições da autora, 2018

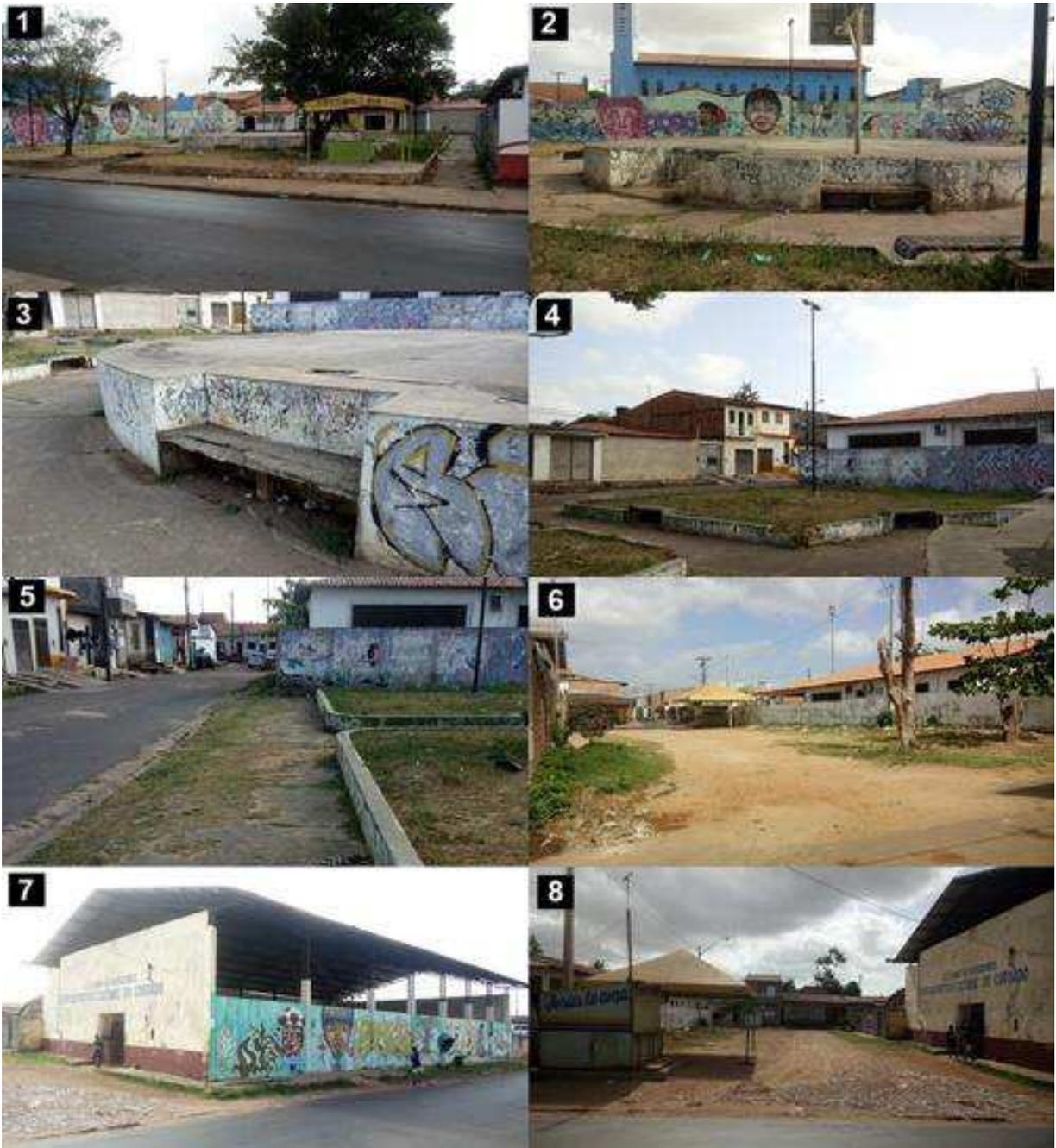
As imagens representam a situação em que se encontra a área de intervenção. Assim de acordo com as observações feitas, foi produzido o seguinte quadro com a quantidade e as respectivas condições das estruturas levantadas:

Figura 51 – Quadro da estrutura existente

ESTRUTURA	QUANTIDADE	QUALIDADE
Iluminação pública	8	Péssima - Poucos postes e 3 não funcionam direito.
Bancos	14	Ruim – alguns quebrados
Vegetação	-	Ruim - sem manutenção e com algumas sujeiras
Árvores	5	Ruim – copa pequena e algumas com poucas folhas e galhos secos.
Barraca de venda de lanches	1	Ruim – Ocupação indevida de parte do canteiro, onde foi cimentado para colocação da barraca.
Barraca de venda diversas	1	Ruim – ocupação indevida
Pavimentação	-	Péssima – na praça o piso está depredado, enquanto na área ao lado da quadra não há nenhum tipo de pavimentação, apenas terra e restos de cerâmica.
Lixo	-	Péssima – restos de materiais diversos misturados com capim.
Palco	1	Péssima – perigoso, sem proteção. Alvenaria depreda e pichada. Bancos quebrados.
Quadra de esportes	1	Ruim – não possui vestiário, banheiros e pintura deteriorada.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Figura 52 – Condições da estrutura existente



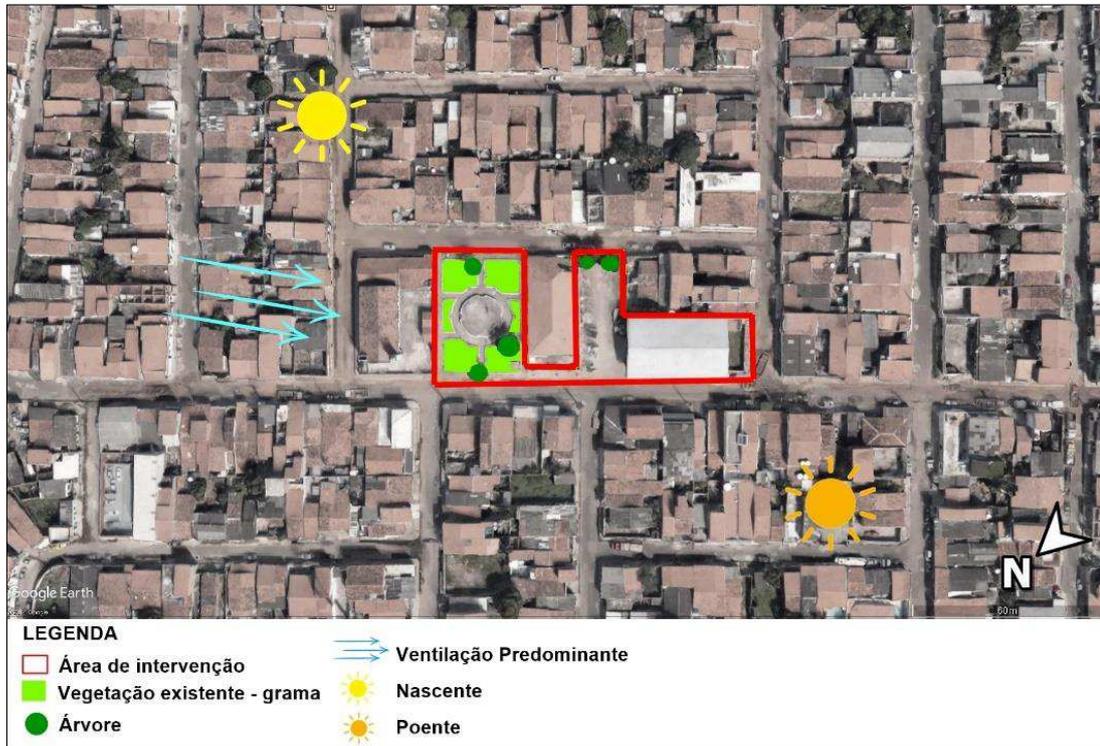
Fonte: Arquivo pessoal

4.4.2 Mapa das condições ambientais

Durante as visitas observou-se que a região recebe muita incidência solar, tanto pela manhã quanto pela tarde, pois não há elementos que bloqueiem esses raios. A ventilação no local é muito boa, porém a vegetação é escassa, com apenas grama nos canteiros, três árvores na praça e outras duas na área próxima à quadra. Esse é

um dos fatores que justifica a falta de mais usuários, principalmente em horários que a influência do sol é maior.

Figura 53 – Mapa das condições ambientais



Fonte: Google Earth com edições da autora, 2018

Logo, para atenuar essa situação, o projeto deve propor um ajuste no paisagismo e utilizar componentes que melhorem o conforto dos usuários no espaço. A arborização e pergolados, por exemplo, são bons artifícios que favorecem a formação de sombras e amenização do calor.

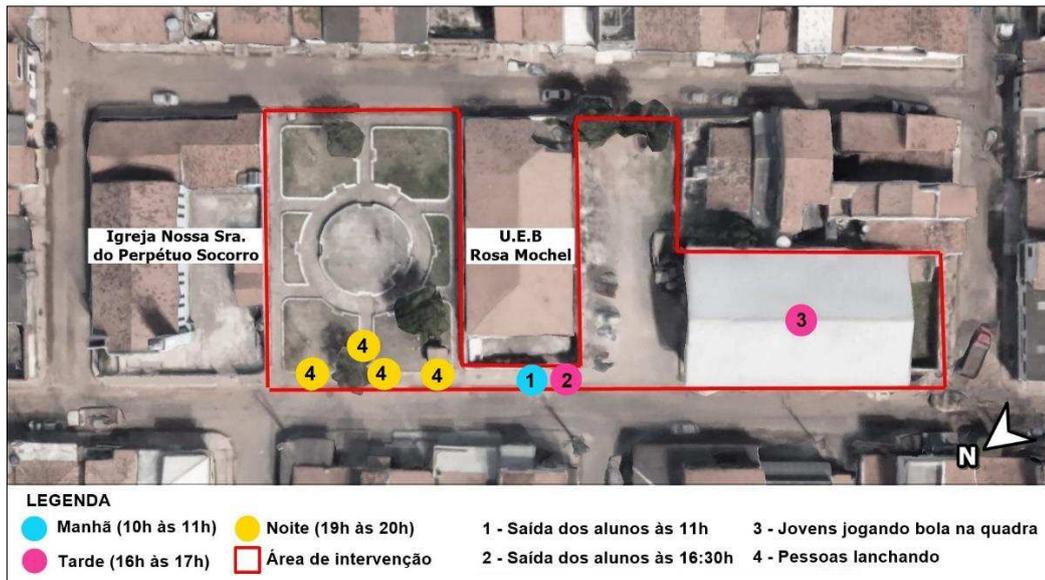
4.4.3 Mapa de apropriações

O mapa de apropriações permite uma observação dos comportamentos dos usuários, ou seja, analisa como as pessoas se apropriam do local, o que fazem e por quanto tempo permanecem no espaço. De acordo com Gatti (2013), a aglomeração em uma determinada área pode servir de base para o planejamento de espaços de estar, por exemplo.

Nas observações feitas durante três dias da semana (segunda, terça e quarta), notou-se que o uso é bem reduzido. Pela manhã a concentração de pessoas é maior

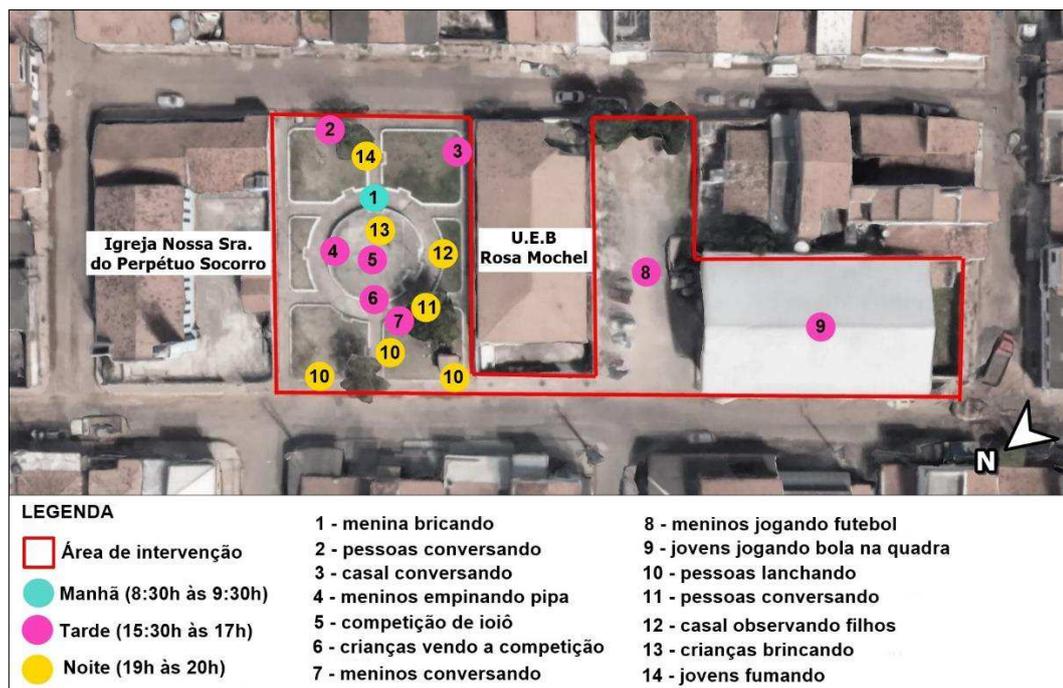
em frente ao colégio, no horário da saída das crianças. Na parte da tarde, jovens utilizam a quadra de esporte para jogar bola e, por volta das 16:30h, há uma aglomeração de crianças e adultos novamente em frente à escola, na saída dos alunos. E à noite, com a presença de barracas de lanche, pessoas frequentam a praça para lanche e conversar.

Figura 54 – Mapa de apropriações durante a semana



Fonte: Google Earth com edições da autora, 2018

Figura 55 – Mapa de apropriações no final de semana



Fonte: Google Earth com edições da autora, 2018

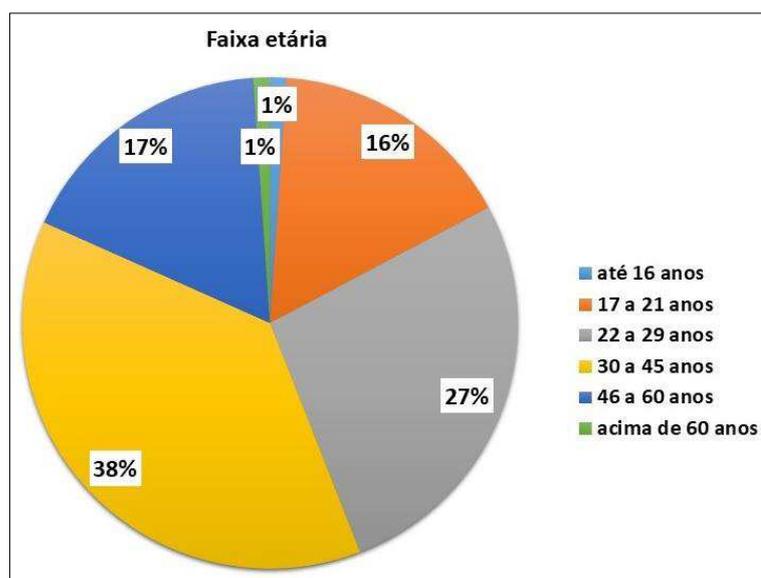
Já o uso na praça durante o final de semana (sábado e domingo) é um pouco maior, só não pela manhã, onde apenas uma criança brincava no local com a guarda do pai. À tarde muitas crianças e adolescentes brincavam numa competição de ioiô com a supervisão de um adulto, enquanto outras empinavam pipa ou só observavam a competição. Havia também adultos conversando e pais observando os filhos brincarem. Na região ao lado da praça, ainda no mesmo turno, jovens jogavam bola na quadra enquanto dois meninos jogavam futebol do lado de fora. E à noite, pessoas se encontraram para lanche e conversar um pouco.

Logo, de acordo com as análises observadas nos dois mapas, para melhorar e aumentar o uso na praça, o projeto deve propor um espaço mais planejado para que todos possam desenvolver suas atividades, e um mobiliário mais confortável para quem vai lanche, conversar ou simplesmente observar o que acontece no momento.

4.5 Pesquisa de opinião

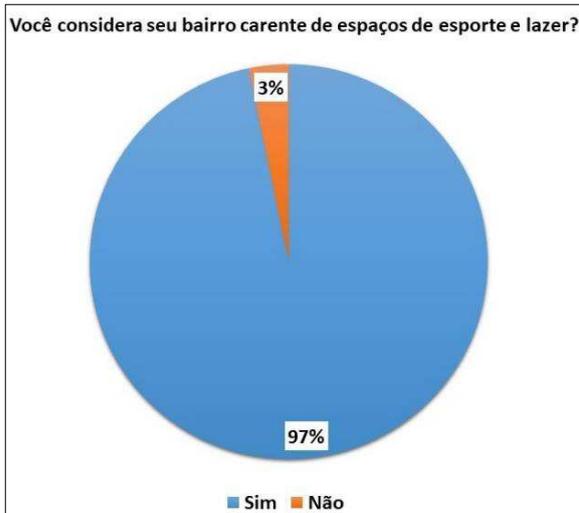
A fim de saber a opinião dos moradores sobre a carência de bons espaços públicos no bairro do Coroadó e a situação em que se encontra a Praça da Conquista foi montado um questionário online e enviado aos moradores. No total, 93 pessoas de diferentes faixas etárias responderam à pesquisa.

Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados



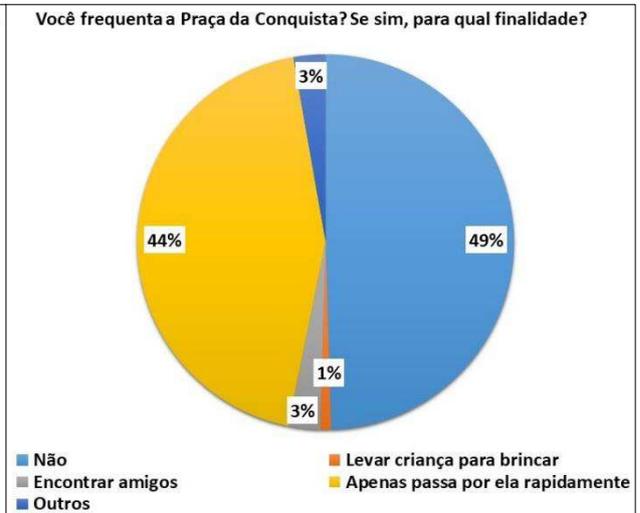
Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Gráfico 2 – Necessidade de espaços de lazer



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

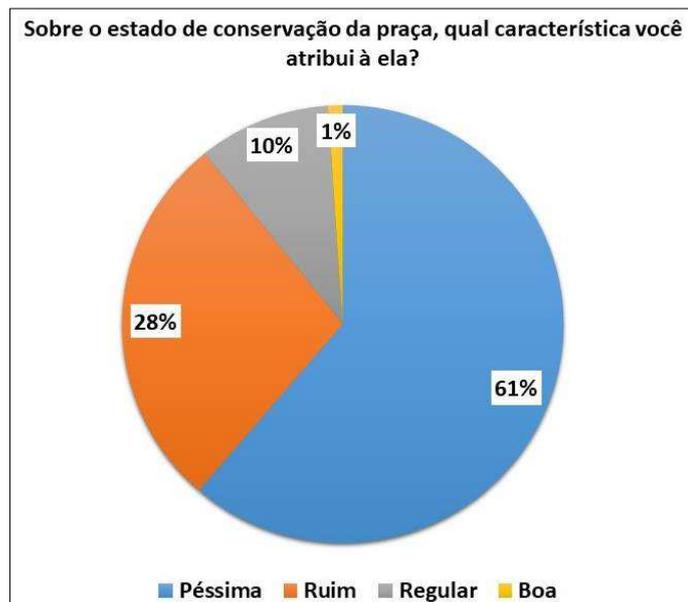
Gráfico 3 – Utilização da praça



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

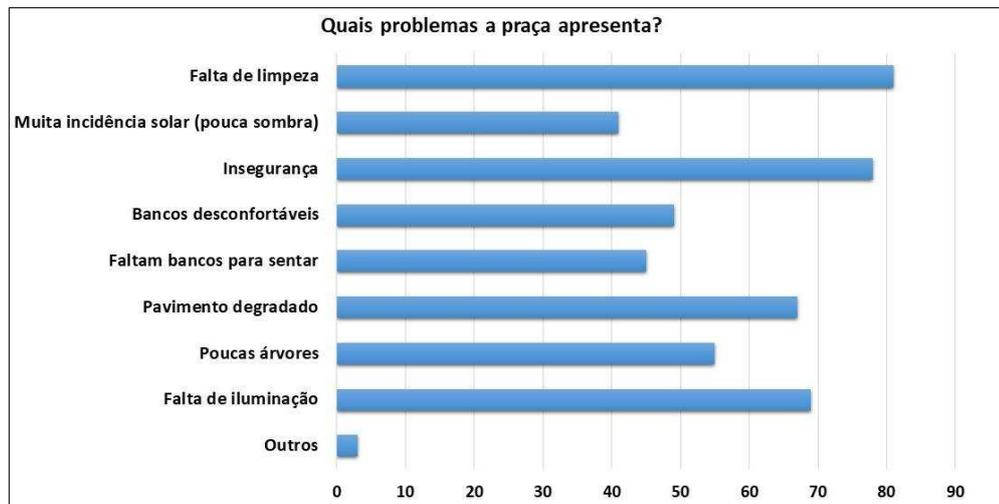
Ao serem questionados sobre a falta de espaços de lazer e esporte (gráfico 2), 97% afirmam que o bairro é carente de áreas dessa categoria. Já na pergunta se costumavam frequentar a Praça da Conquista (gráfico 3), a maioria respondeu “não” ou que “apenas passa por ela rapidamente”. Muitos alegaram que a praça não tem atrativos, sem cuidados e que não tem infraestrutura para momentos de lazer.

Gráfico 4 – Estado de conservação da praça



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

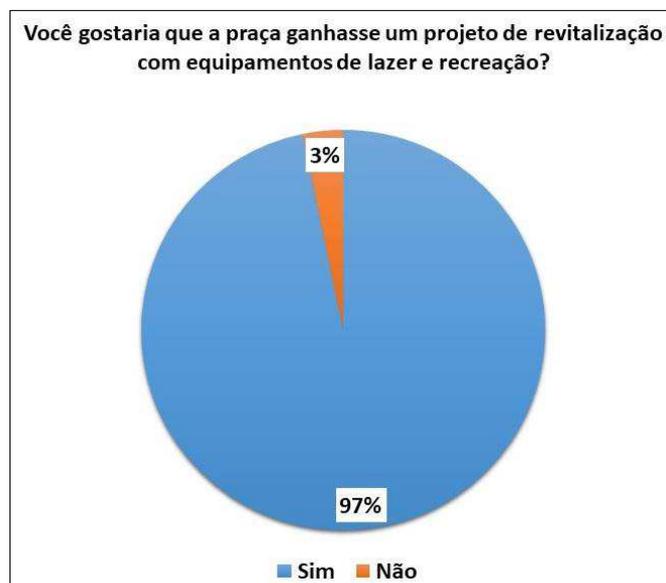
Gráfico 5 – Problemas que a praça apresenta



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Os gráficos 4 e 5 mostram, respectivamente, o que os moradores pensam sobre o estado de conservação da praça e quais os maiores problemas que ela apresenta, onde nesta última podiam escolher mais de uma alternativa. Dos resultados, 61% acreditam que o espaço está em péssimas condições, seguido de 28% dos que acham a conservação ruim. A falta de limpeza, insegurança, pavimento degradado e falta de iluminação estão entre as opções mais votadas entre os problemas citados. Com isso, 97% gostariam que a praça recebesse um projeto de revitalização, com espaços para o lazer e com equipamentos recreativos.

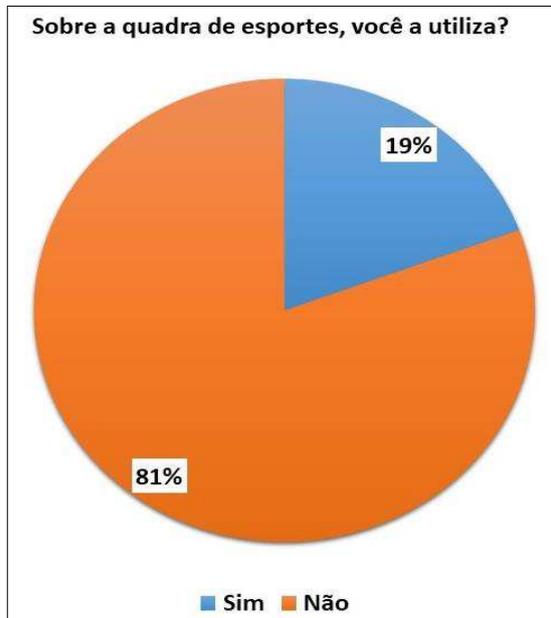
Gráfico 6 – Possibilidade de projeto de revitalização



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

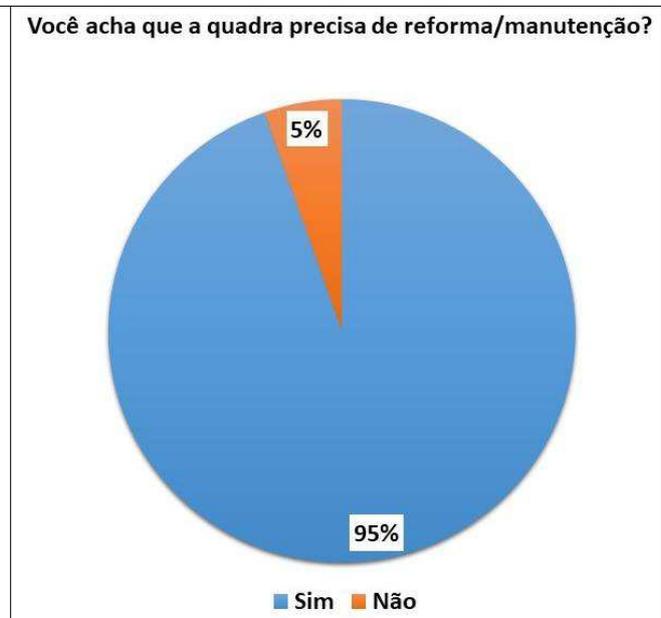
Também foram elaboradas duas perguntas sobre a quadra de esportes presente na área de estudo. Apenas 19% dos entrevistados utilizam a área (gráfico 7). Destes, 95% acreditam que ela precisa de uma reforma, mostrado no gráfico 8.

Gráfico 7 – Utilização da quadra de esportes



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Gráfico 8 – Necessidade de reforma da quadra



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Portanto, a partir de todo o diagnóstico desenvolvido e dos resultados do questionário é possível ter uma noção das carências do bairro em relação ao espaço público existente. Com isso fica mais fácil formular ideias para dar início ao planejamento da revitalização.

5 ESTUDO PRELIMINAR

De acordo com Gatti (2013, p. 9), “um bom projeto de espaço público não depende apenas de uma boa execução técnica; também deve ser o espaço certo, no lugar certo e para as pessoas certas”. Ou seja, o planejamento de uma praça não deve ser feito aleatoriamente, desconsiderando outros fatores. Como foi visto no capítulo anterior, é preciso que a intervenção integre a dinâmica do lugar e atenda os anseios dos usuários, pois só assim os espaços serão utilizados.

Tendo isso em vista, interligando o diagnóstico levantado aos ensinamentos teóricos estudados no decorrer deste trabalho sobre a importância dos espaços públicos, em especial a praça, neste capítulo é exposto o resultado dessa experiência. Primeiramente, separou-se algumas referências projetuais para analisar suas características e o processo de planejamento, servindo como inspiração no desenvolvimento do projeto de intervenção. Em seguida, foi montado o programa de necessidades baseado nas observações feitas no local e nas dificuldades citadas pelos moradores na entrevista. E, por fim, é apresentado o estudo preliminar como produto final com as possíveis soluções para revitalizar a Praça da Conquista.

5.1 Referências projetuais

Nesta seção, estão listados dois exemplos de referências retirados do site Archdaily que, a partir de ideias inteligentes para projetar o espaço público, contribuíram na formulação de soluções para a revitalização da Praça da Conquista.

5.1.1 Praça Colinas de Anhanguera – Santana da Parnaíba, SP

A área da intervenção, cujo desenho ficou em 1º lugar no concurso de projetos para o local, está situada no bairro Colinas do Anhanguera, que deu nome à praça, na cidade de Santana de Parnaíba, São Paulo. Por ser um bairro que não possui equipamentos de lazer para os moradores, o objetivo do projeto é fazer da praça um espaço de integração social, com uma infraestrutura de qualidade e forte potencial de uso.

A setorização do projeto de 21.600m² foi definida a partir da dinâmica dos usos do entorno da área, que vai desde o intenso tráfego e comércio até onde o uso

residencial é predominante. Logo, dividiu-se a região em zonas para o encontro, feiras, manifestações públicas e artísticas, esporte e passeio.

A grande praça oferece diversas infraestruturas e opções de entretenimento para a população, como jatos d'água, bicicletário, salões para atividades comunitárias e sanitários. Pensando em acolher todas as idades, foram ainda distribuídas pela região: pistas de skate, quadras poliesportivas, área para as crianças, mesas de jogos, aparelhos de ginástica e ciclovia. Além disso, para dar mais segurança aos pedestres na circulação de um setor para outro, foram elaboradas travessias suspensas bem como a reorganização do sistema viário, onde foi proposto o fechamento de uma avenida que cortava a área de intervenção.

Figura 56 – Praça Colinas de Anhanguera



Fonte: Archdaily, 2012⁴²

A HUS Arquitetura, Urbanismo e Desenho da Paisagem, equipe idealizadora do projeto, teve uma preocupação em trabalhar alguns pontos importantes para o melhor funcionamento da área. Questões como a acessibilidade, iluminação,

⁴² ARCHDAILY. 1º Lugar - Concurso de projetos: Praça Colinas de Anhanguera / HUS. 2012. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br/br/01-26700/1-graus-lugar-concurso-de-projetos-praca-colinas-de-anhanguera-hus>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

equipamentos, arborização e sustentabilidade foram exaltados durante o planejamento.

A acessibilidade foi trabalhada na praça e nos equipamentos de forma a compor um espaço mais integrador. Para vencer os desníveis e tornar o local acessível a todos, foram projetados rampas e pisos com leves inclinações. Para auxílio dos deficientes visuais foram disponibilizadas ao longo do percurso informações em braile nos totens, bebedouros e lixeiras, e os canteiros receberam também a função de balizador.

Para a iluminação, a equipe utilizou elementos que iluminassem em diferentes escalas, assim como balizadores e pontos de luz embaixo dos bancos para destacar o paisagismo e tornar o espaço mais atrativo e seguro. Já para os equipamentos, de modo a facilitar a execução e as futuras manutenções, pensou-se no concreto e aço inoxidável, e madeira certificada e com tratamento antifúngico para os pergolados.

O objetivo do paisagismo, além do efeito decorativo, era usar árvores com copas que se adequassem ao pouco espaço de algumas áreas. Para os arbustos, foi escolhida uma vegetação de pouca manutenção e maior resistência. Espécies de grande porte e algumas frutíferas foram também dispostas para dar mais destaque em alguns setores, sombreamento e diversificação da paisagem.

No quesito sustentabilidade, os arquitetos trabalharam com a reutilização da água que sai dos aspersores e coleta da água da chuva. Esse volume ficaria armazenado num reservatório e depois seria utilizada para a irrigação da vegetação. A iluminação da praça seria a partir de células fotovoltaicas, que coletam a energia durante o dia para iluminar à noite. E, por fim, na pavimentação foi pensado em tipos semipermeáveis para ajudar na drenagem.

5.1.2 Praça Grevelingenveld – Haia, Holanda

Também conhecida como Deltaplantsoen pelos moradores do bairro Rivierenbuurt, a praça Grevelingenveld foi projetada em 2015 e possui uma área de 5.100m². Seu território está integrado à nova escola do bairro construída em frente ao local.

Planejada pelos escritórios Open Fabric e Dmau, o objetivo do projeto era possibilitar um espaço de brincadeiras para as crianças. O ambiente foi dividido em duas zonas: uma externa, onde ficam os jogos e espaços para o esporte, e uma

interna, chamada de interior natural e selvagem, em que as crianças podem construir e destruir seus espaços de brincar por meio de materiais naturais e plantas de crescimento rápido.

Figura 57 – Praça Grevelingenveld



Fonte: Archdaily, 2017⁴³

Esses dois ambientes foram delimitados por um elemento arquitetônico curvilíneo e divertido denominado “fita”, que contorna o interior, mas permite a fluidez ao interligar-se com os playgrounds da parte externa. Esse elemento disponibiliza equipamentos para as crianças desfrutarem, como túneis deslizantes e pontos fixos

⁴³ ARCHDAILY. **Na Natureza Selvagem** / Openfabric + Dmau. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/802960/na-natureza-selvagem-openfabric-plus-dmau>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

para a escalada, e serve, também, como um espaço de descanso para quem tiver assistindo as atividades que ocorrem na quadra.

É uma praça bem elaborada, com diversas opções de entretenimento, ao mesmo tempo que permite o contato e ensinamentos sobre a natureza. E isso pode ser observado tanto na escolha do paisagismo que compõe a praça, através de espécies que se transformam de acordo com as épocas do ano, quanto na fauna diversificada; dois recursos utilizados pela escola para a educação ambiental dos alunos.

5.2 Proposta para a intervenção

Neste subcapítulo, são apresentadas as ideias preliminares para a revitalização da praça da Conquista. Constam nessa parte: o programa de necessidades, com base em algumas ideias das referências de projeto apresentadas anteriormente e também nos estudos feitos na área em questão e as plantas de setorização, acessibilidade e permeabilidade, de mobiliários e a proposta geral.

5.2.1 Programa de necessidades

O programa de necessidades foi montado baseado na leitura urbana feita durante as visitas ao local, no resultado da produção dos mapas e na pesquisa de opinião respondida pelos moradores do Coroadó, sendo este último essencial para se ter uma noção de quais intervenções são realmente importantes para a população.

Para auxiliar na definição das diretrizes, pensou-se nos passos apresentados por Gatti (2013). A autora orienta quais atividades serão desenvolvidas, os equipamentos necessários para que as atividades citadas se estruturam e as edificações de apoio, por exemplo banheiros.

Além disso, as referências de projeto de praças citadas anteriormente ajudaram na idealização do programa. Utilizar a Praça Colinas de Anhanguera como exemplo foi relevante, pois deu para fazer uma associação ao Coroadó, ou seja, dois bairros carentes de espaços de lazer para o uso da população. Do projeto, pensou-se em utilizar a forma de setorização separada por função, onde em um setor funciona os encontros e o estar, enquanto outro disponibiliza espaços de esporte e recreação.

No quesito acessibilidade, foi pensado a nivelção do pavimento e canteiros de altura de 5cm, que servem de balizadores para deficientes visuais. E para a sustentabilidade, optou-se na distribuição de várias áreas permeáveis e na utilização piso drenante para ajudar no escoamento da água da chuva no local.

Já a Praça Grevelingenveld, foi utilizado como premissa a questão de um espaço destinado totalmente para as crianças brincarem. Ademais, é uma praça que foi projetada para ter uma conexão também com a escola que fica em frente ao local, a mesma realidade em que se encontra a Praça da Conquista, localizada ao lado do colégio Rosa Mochel.

Figura 58 – Quadro do Programa de Necessidades

FATOR	SETOR	DESCRIÇÃO
Acessibilidade	Circulação	Passeio seguro, resistente e facilitador da drenagem. Canteiro balizador de 5cm. Sinalização.
Atividade	Recreação infantil	Diversidade de brinquedos destinados ao lazer das crianças.
	Esporte	Espaço para o esporte, com quadras esportivas e aparelhos para atividades físicas.
	Apoio	Área para alimentação, espaço para apresentações, vestiários, bicicletário, posto policial para melhorar a segurança, lixeiras e sinalização.
Conforto	Contemplação e Descanso	Árvores, pergolados/cobertura para formação de sombra. Melhoria dos bancos e da iluminação.
Sociabilidade	Contemplação e Descanso	Ambiente agradável e confortável, com áreas arborizadas/cobertas para momentos de descontração, conversa e estar.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

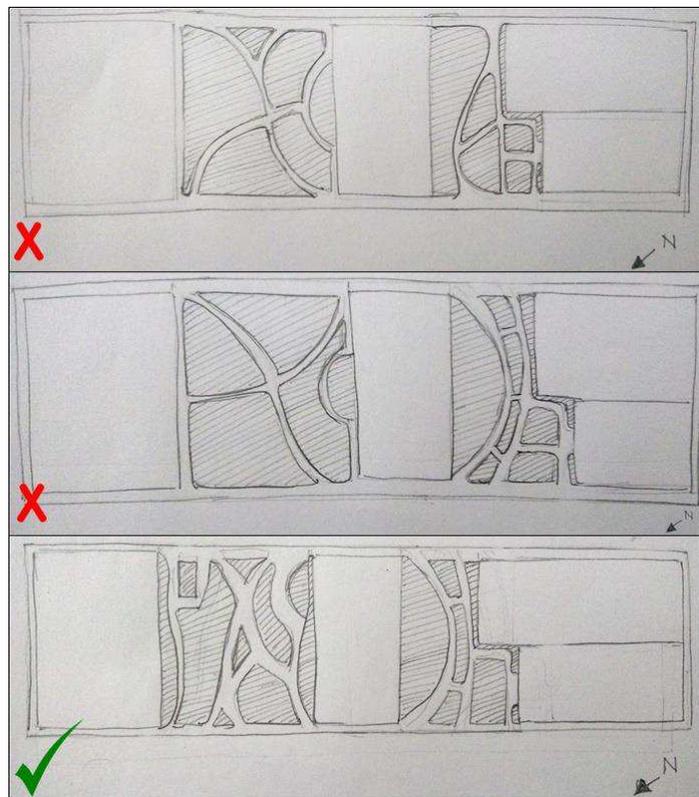
O quadro acima relaciona os princípios norteadores do projeto com os setores mais importantes e a descrição de cada um deles. Esses princípios são as quatro características que classificam os espaços livres públicos como bem-sucedidos, determinados pela PPS, já explicados no primeiro capítulo deste trabalho. Eles têm que ser: acessíveis, ativos, confortáveis e sociáveis. Logo, para cumprir cada uma dessas qualidades, dividiu-se da seguinte forma:

- **Acessibilidade:** pavimentação que garanta a circulação segura para os pedestres, principalmente para aqueles com mobilidade reduzida.
- **Atividade:** promover uma diversidade de usos para os moradores de diferentes faixas etárias.
- **Conforto:** disponibilizar bons lugares para sentar, assim como fazer uso do paisagismo e outros elementos para tornar o espaço agradável e protegido da insolação e das chuvas.
- **Sociabilidade:** espaços que permitam a interação entre amigos, conversas, o estar e a descontração.

5.2.2 Setorização

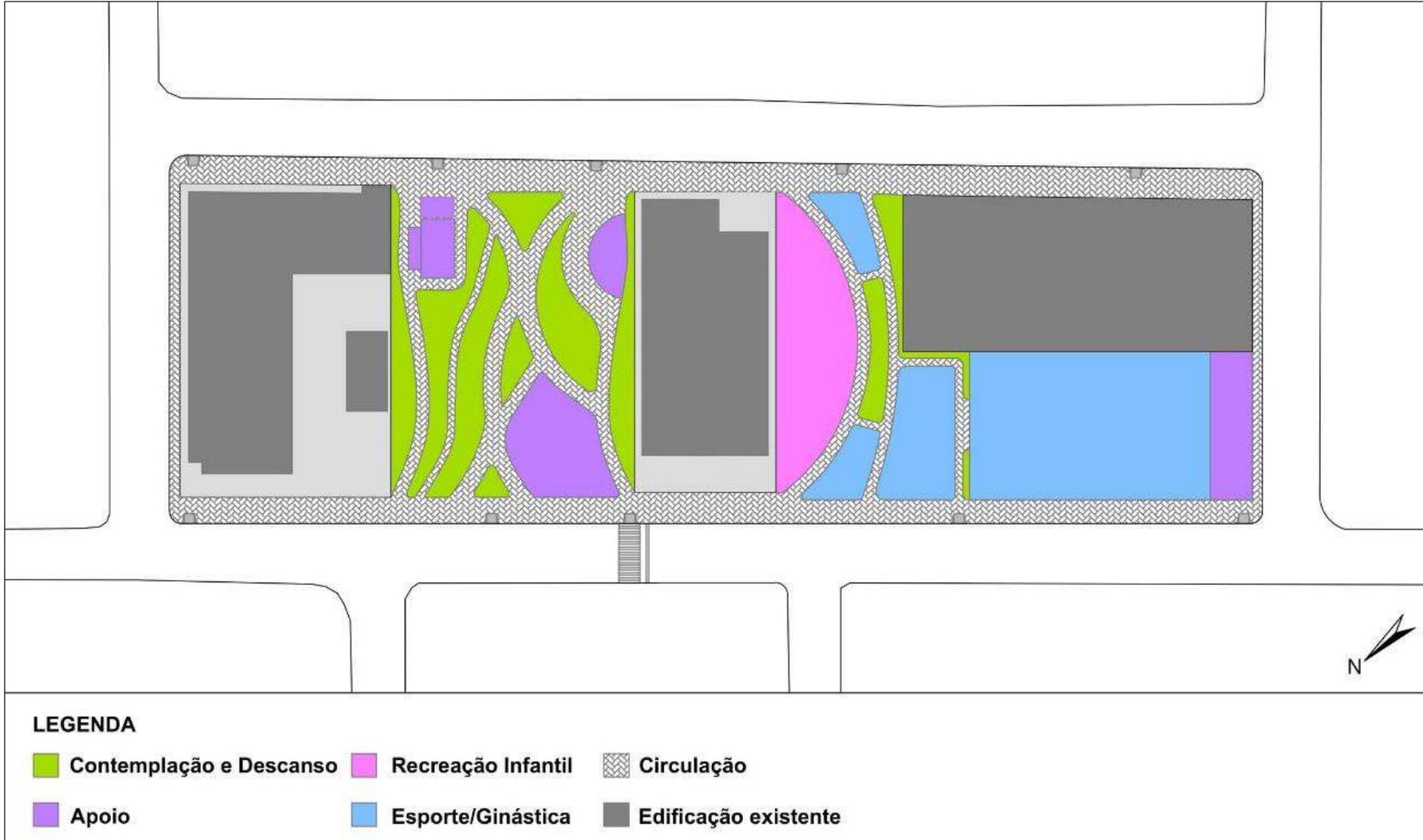
Após a determinação do programa de necessidades, foi elaborada a setorização da área de intervenção, ou seja, a delimitação do espaço onde se realizará cada uso. Como já mostrado no quadro anterior, os setores são: áreas para recreação, esporte, contemplação e descanso, circulação e apoio.

Figura 59 – Processo criativo



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Figura 60 – Planta da setorização



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Nas áreas de contemplação, os canteiros possuem gramas de forração e árvores de variados portes e cores para diversificar a paisagem local e tornar o espaço agradável, bonito e confortável para os usuários. A zona oferece uma variedade de bancos protegidos pelas sombras das árvores e pergolados e uma fonte central com formato triangular. O setor de apoio conta com sanitários, área para alimentação, com mesas, bancos e quiosques, um pequeno palco para apresentações diversas, vestiário na quadra de esportes e também melhoramento da segurança através da implantação de um posto policial.

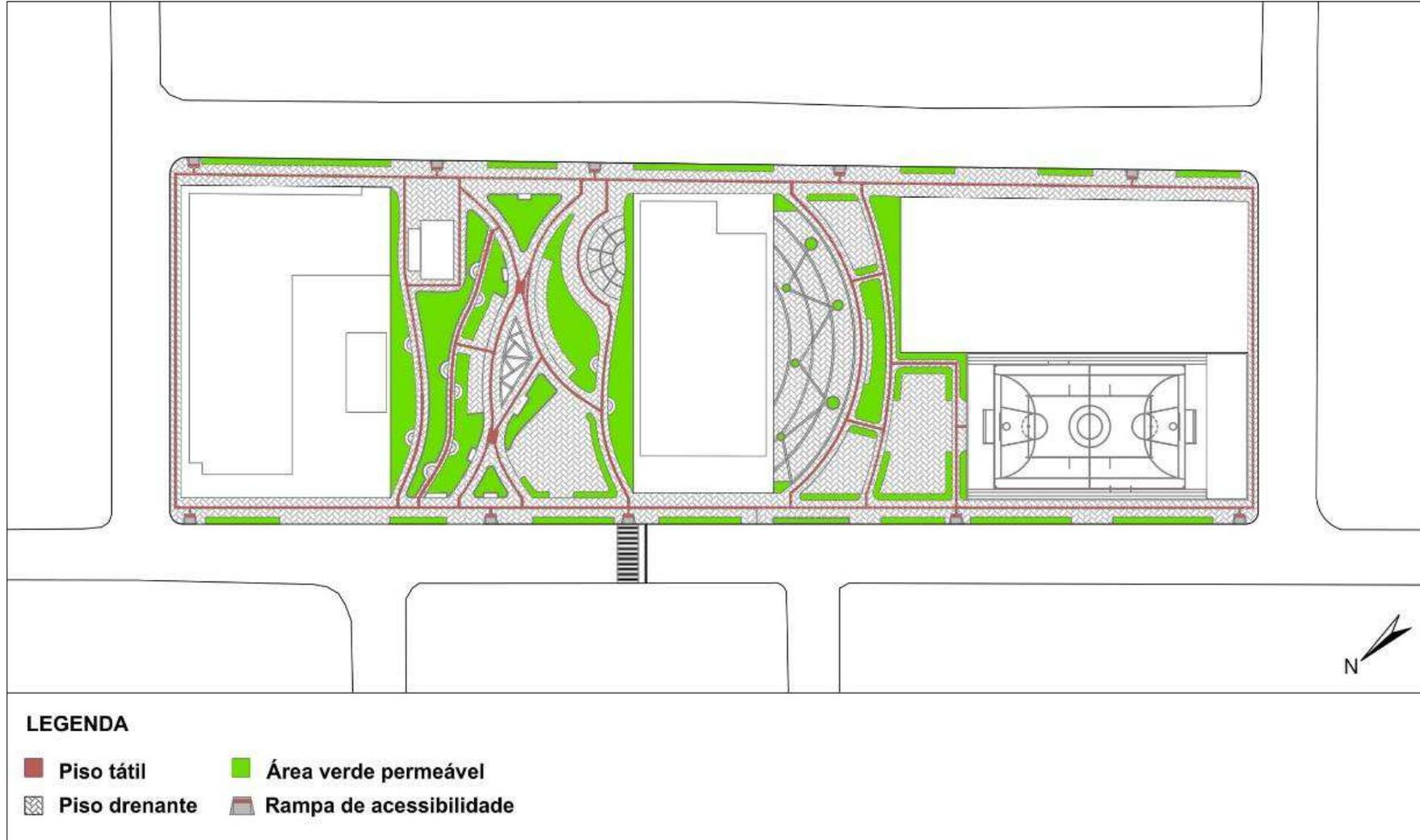
O espaço para recreação infantil disponibiliza diversas opções de brinquedos para as crianças, piso de cor diferenciada e árvores de folhas vibrantes para compor o ambiente. Já as áreas de esporte e ginástica foram pensadas para incentivar a prática de atividades físicas e esporte. Na zona estão presentes a quadra de esporte, equipamentos para atividades físicas e um espaço de uso geral nesse âmbito, por exemplo dança, yoga, etc.

5.2.3 Acessibilidade e permeabilidade

Sobre a questão da acessibilidade pensou-se em utilizar pisos drenantes nivelados, assim como piso tátil para que todas as pessoas possam utilizar esse espaço. Para complementar esse quesito, como já foi falado antes, optou-se por utilizar canteiros de 5cm de altura para servirem de balizadores para deficientes visuais e rampas distribuídas em vários pontos para pessoas com mobilidade reduzida.

As várias áreas verdes e os pisos permeáveis trabalham em conjunto para evitar focos de alagamentos, muito comum nessa região, provocados pelas águas pluviais. Esse tipo de piso possui diversas cores e tamanhos, é resistente ao tráfego e às intempéries, podendo ser utilizado em áreas livres, principalmente naquelas que onde a permeabilidade é necessária.

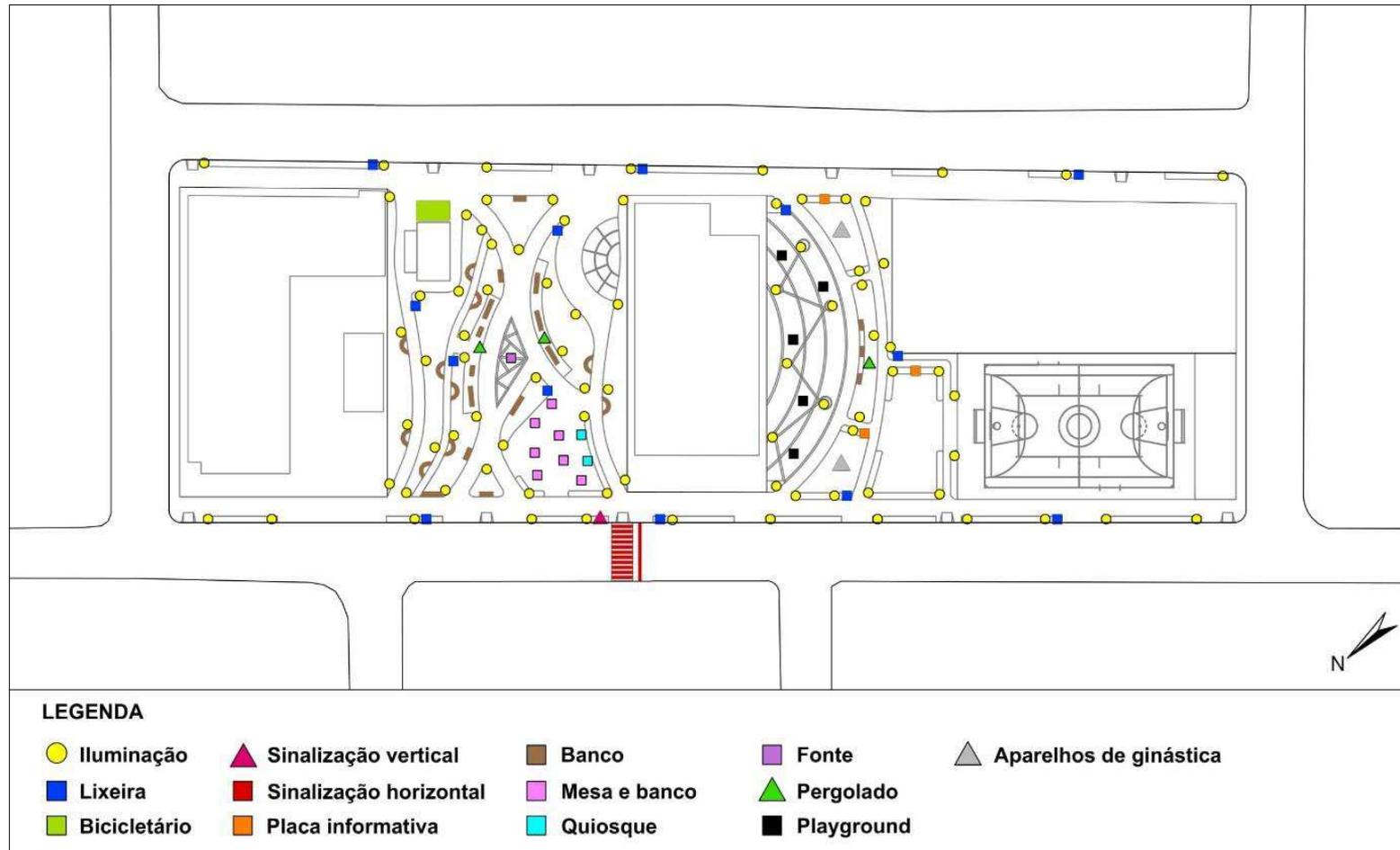
Figura 61 – Planta de acessibilidade e permeabilidade



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

5.2.4 Mobiliário

Figura 62 – Planta do mobiliário



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Pensando em solucionar algumas reclamações dos moradores, observadas no resultado do questionário enviado, a planta do mobiliário apresenta algumas propostas de melhorias para a praça. Foi repensada a distribuição dos postes de luz e melhoria da iluminação com adição de novas luminárias no local.

Foram incorporadas também lixeiras, um bicicletário e dois tipos de bancos: um comum e outro com forma semicircular, ambos são protegidos contra o sol, por meio da vegetação e dos pergolados de madeira. Há ainda dois quiosques e mesas com bancos distribuídos para as pessoas poderem aproveitar o local confortavelmente enquanto lancham, uma fonte central em um modelo triangular, cinco opções de brinquedos para a recreação infantil e dois espaços com equipamentos de ginástica.

Para a sinalização, foi acrescentada uma faixa de pedestres e uma placa de sinalização vertical próxima a ela, principalmente para a travessia segura das crianças que se dirigem à escola. Além disso, foram colocadas algumas placas na área de exercícios físicos com as informações de uso dos aparelhos de ginástica.

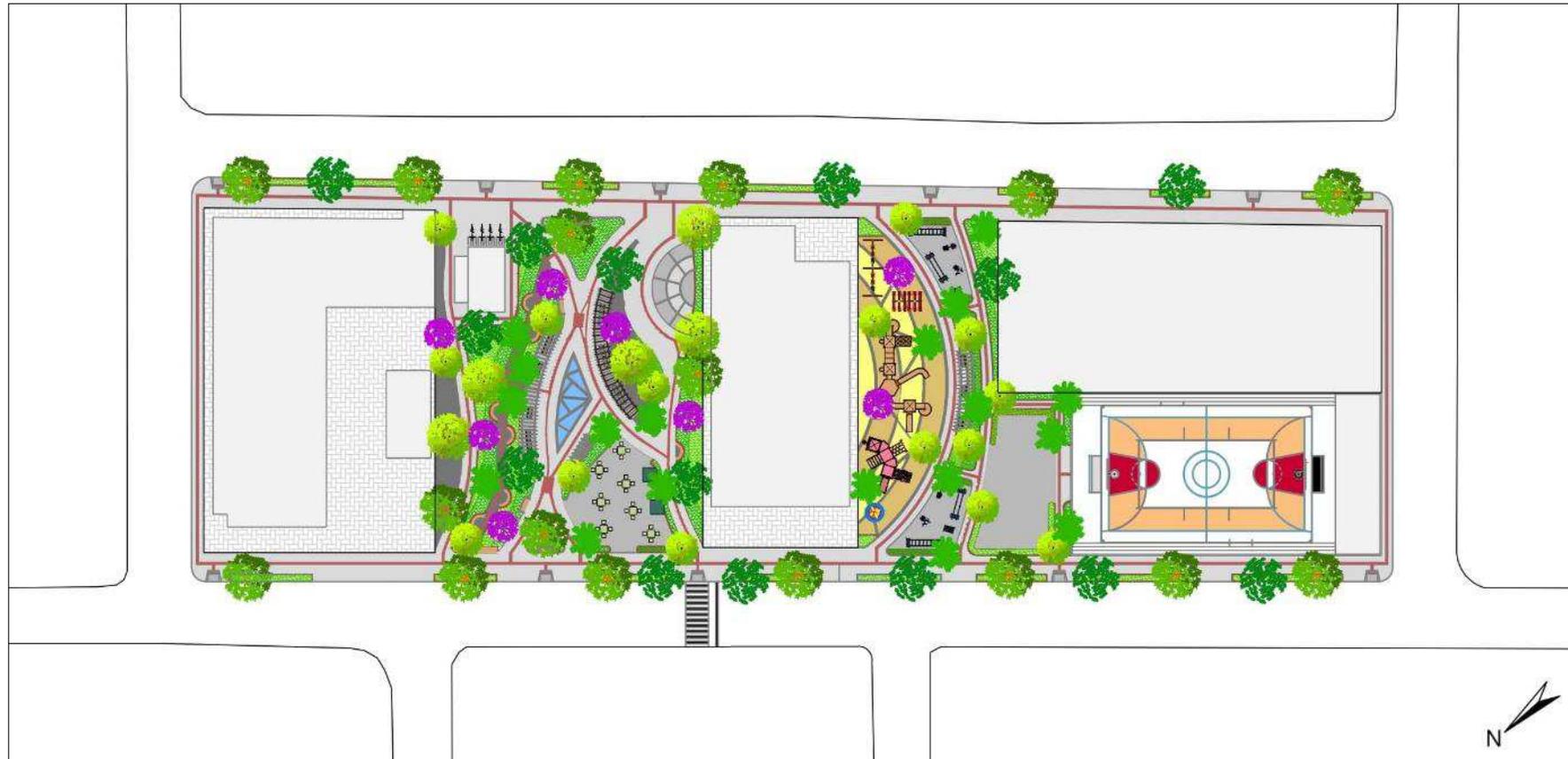
5.2.5 Proposta geral

A proposta mostra a Praça da Conquista com um traçado orgânico, revelado através das curvas suaves, e onde a natureza é predominante por meio de um paisagismo mais elaborado e tons de madeiras no mobiliário.

Pensando no fluxo adequado das pessoas foram projetados espaços com dimensões confortáveis e acessíveis. Além disso, a ideia em utilizar o pavimento com tons diferenciados tem o objetivo de separar as áreas com funções estabelecidas do espaço de circulação.

Buscando criar uma conexão da praça com as edificações principais do entorno, a escola Rosa Mochel e a igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pensou-se na retirada da metade da alvenaria dos muros para a colocação de um gradil a fim de criar uma certa permeabilidade entre esses ambientes. Nas áreas em que isso não foi possível foram utilizadas espécies de plantas próximas às paredes, e na área do playground foi aplicado alguns tons coloridos, por meio do grafite, no muro para combinar com os brinquedos e para dar mais vida ao local, podendo ser utilizado nas paredes externas da quadra também.

Figura 63 – Planta da proposta geral do projeto



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Figura 64 – 3D da proposta geral



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Figura 65 – Perspectivas da praça



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Uma das ideias do projeto, além do objetivo principal que é revitalizar a praça, era que fosse planejado um espaço digno para as pessoas do bairro do Coroadó, e que a percepção do bem-estar, do lazer, do encontro, entre outros, se estabelecessem. Ademais, a intenção é que a nova praça sirva como um local integrador entre as pessoas, sejam elas de qualquer idade, onde fossem criados valores de amizade, laço comunitário e pertencimento à cidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse contexto de mudanças, como já foi dito anteriormente, sabe-se que a praça é um espaço de grande valia para a população, como um lugar de vida e trocas sociais. Então surge um questionamento: qual o lugar da praça na contemporaneidade e quais as grandes transformações ela pode trazer para as pessoas e para a cidade?

Nos últimos anos, o encontro interpessoal para uma simples conversa, por exemplo, se tornou cada vez mais incomum. Um dos motivos que contribui para isso é a constante conexão aos aparelhos eletrônicos que favorece o isolamento das pessoas. Esse fator aliado às más condições em que se encontram as praças, com falta de manutenção, atrativos e segurança cooperam para o abandono dos espaços públicos.

Logo, voltar a atenção e intervir nessas áreas, tornando-as convidativas, estimularia os encontros, as interações, melhoraria a dinâmica urbana, permitiria aos indivíduos conhecerem uns aos outros e ainda garantiria a liberdade para as mais diversas manifestações, sejam elas políticas ou sociais. Assim, com mais pessoas frequentando esses locais, a segurança também iria melhorar, pois quanto maior for o número de indivíduos circulando em um espaço, mais seguro ele se torna, como explica Jane Jacobs (2000). Conseqüentemente, nesse mundo contemporâneo cada vez mais tecnológico, a praça é uma grande aliada no estreitamento dos laços sociais fora dos celulares.

Baseado nisso, a ideia de propor uma intervenção que permitisse a apropriação da Praça da Conquista pelos moradores do bairro do Coroadó, partiu da compreensão da importância dos espaços livres públicos para a qualidade de vida nas cidades. Logo, percebendo que o bairro necessita de ambientes como esses pensou-se na elaboração de um estudo preliminar para reverter essa situação de carência e abandono.

Para auxiliar no desenvolvimento deste trabalho e alcançar o objetivo geral, primeiramente, através do estudo de vários teóricos, buscou-se compreender o significado de espaços públicos. Sendo assim, foram analisados conceitos, suas características e os tipos existentes em diversas cidades.

Em seguida, foi estudada uma categoria especial de espaço público: a praça. Apresentou-se os conceitos atribuídos por diferentes autores, um pouco da sua contextualização histórica no mundo e no Brasil e as funções que desempenham.

Para encerrar esse tópico, fez-se uma abordagem da importância da revitalização em praças, apresentando alguns exemplos bem-sucedidos.

Além disso, foi analisada a história do bairro do Coroadó e as dificuldades dos moradores em conquistar um espaço de terra para morar. Na sequência, foram feitas várias observações na Praça da Conquista e no seu entorno, resultando na produção de vários mapas que mostram a topografia do lugar, os usos, os fluxos e as condições da infraestrutura. Esse estudo só foi possível graças à coleta de dados a partir da medição da área, das fotografias tiradas, do questionário enviado aos moradores e da orientação de guias e manuais especializados na concepção de bons espaços públicos.

Por fim, para ajudar no planejamento do estudo preliminar, foram consideradas algumas referências de bons projetos de praças e, principalmente, as necessidades dos moradores do Coroadó obtidas por meio do questionário online, desenvolvido na plataforma Google. Visando melhorias, foram propostas algumas soluções interventivas na região, através da ampliação da praça para que fosse um espaço multifuncional, com novos espaços de lazer, esporte e contemplação, tornando área mais convidativa.

Apesar das dificuldades encontradas no decorrer dos meses que antecederam a conclusão desse estudo, como o tempo limitado, espera-se que o presente trabalho tenha contribuído positivamente para o entendimento de como os espaços livres públicos, por serem pontos integradores nas cidades e palco de vida urbana, merecem planejamento, principalmente em áreas onde são inexistentes.

Que sirva ainda para chamar atenção dos gestores públicos sobre a importância em oferecer espaços dignos para a população e, caso um dia essa intervenção venha a acontecer, que a comunidade do Coroadó possa se apropriar da Praça da Conquista, tendo o cuidado, junto ao poder público, em administrá-la e mantê-la sempre funcionando. Ademais, esse trabalho fica livre para servir como fonte para futuras pesquisas e também para ser usado na construção de estudos mais aprofundados a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

ALEX, S. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

ARCHDAILY. **Praça Victor Civita / Levisky Arquitetos e Anna Julia Dietzsch**. 2011. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-victor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>>. Acesso em: 24 out. 2018.

BARROS, Miriam Vizintim Fernandes; VIRGÍLIO, Haroldo. Praças: espaços verdes na cidade de Londrina. **Geografia**, Londrina, v.12, n.1, p. 533-544, jan/jun. 2003. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6713/6057>>. Acesso em: 22 out. 2018.

BUCCHERI FILHO, A.; NUCCI, J. Espaços livres, áreas verdes e cobertura vegetal no bairro Alto da XV, Curitiba/PR. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 18, p. 48-59, 29 abr. 2011. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47264/51000>>.DOI: <https://doi.org/10.7154/RDG.2006.0018.0005>. Acesso em: 22 out. 2018.

CALDEIRA, Junia Marques. **A praça brasileira: trajetória de um espaço urbano - origem e modernidade**. 2007. 434p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280677>>. Acesso em: 1 out. 2018.

CARTA DE REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA - Carta de Lisboa. In: **I Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa**. 1995. Disponível em: <https://www.culturante.pt/fotos/editor2/1995__carta_de_lisboa_sobre_a_reabilitacao_urbana_integrada-1º_encontro_luso-brasileiro_de_reabilitacao_urbana.pdf> Acesso em: 20 out. 2018.

CUNHA, Caroline Silva da; LUCENA, Luciano Farias de; SILVA, Rodrigo Aires. O processo de segregação socioespacial de São Luís - MA e suas implicações no bairro Divineia. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos, 7., Vitória, 2014. **Anais...** Vitória: AGB, 2014. ISBN 978-85-98539-04-1. Disponível em: <http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404665545_ARQUIVO_Trabalho_CBG_completo_Carol66.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

DIAS, Marina Simone; ESTEVES JÚNIOR, Milton. O espaço público e o lúdico como estratégias de planejamento urbano humano em: Copenhague, Barcelona, Medellín e Curitiba. **Cadernos MetrÓpole**, [s.l.], v. 19, n. 39, p.635-663, ago. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cm/v19n39/2236-9996-cm-19-39-0635.pdf>>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3912>. Acesso em: 01 out. 2018.

FERREIRA, Alda de Azevedo; ONO, Fernando Pedro de Carvalho; SILVA, Joelmir Marques da. O Recife da década de 1930, Roberto Burle Marx e a gênese dos jardins

públicos modernos. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [s.l.], v. 5, n. 9, p.247-257, jul. 2013.

GATTI, Simone. **Espaços Públicos**: Diagnóstico e metodologia de projeto, São Paulo: ABCP, 2013. 91 p. ISBN 978-85-87024-66-4. Disponível em: <<http://solucoesparacidades.com.br/wp-content/uploads/2017/12/Espacos-Publicos-WEB.pdf>>. Acesso em 29 set. 2018.

GEHL, J. **Cidade para as pessoas**. 2ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HEEMANN, Jennifer; SANTIAGO, Paola Caiuby. **Guia do Espaço Público**: para inspirar e transformar. 1ª Edição. São Paulo: Conexão Cultural e Bela Rua, 2015. 86 p. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/wp-content/uploads/2015/03/Guia-do-Espaço-Público1.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2018.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JANUZZI, Denise de Cássia Rossetto; RAZENTE, Nestor. Intervenções urbanas em áreas deterioradas. Semina: **Ciências Sociais e Humanas**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.147-154, 29 nov. 2007. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3734/3000>>. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.2007v28n2p147>. Acesso em 22 out. 2018.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: JNICT, 1993.

LEITÃO, L. (Org.). **As Praças Que a Gente Tem, as Praças Que a Gente Quer**: manual de procedimentos para intervenção em praças. Recife: Secretaria de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente, 2002.

LIMA, Verônica Maria Fernandes de. **Desenho urbano**: uma análise de experiências brasileiras. Estudo de casos nas áreas centrais de Curitiba, do Rio de Janeiro e do Recife. 2008. 302 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/2992>>. Acesso em: 13 out. 2018.

MACEDO, S.S. Espaços Livres. **Paisagem e Ambiente**, n. 7, p. 15-56, 10 jun. 1995. DOI: <<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i7p15-56>>. Acesso em: 13 out. 2018.

MASULLO, Yata Anderson Gonzaga; NASCIMENTO, Talita de Sousa; CARVALHO, Dionatan Silva. Produção e reprodução do espaço determinando desigualdades e contradições no município de São Luís – MA. **Geografia em Questão**, São Luís, v. 06, n. 01, p.32-48, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/6737/5787>>. Acesso em: 03 out. 2018.

MATOS, Heloísa Reis Curvello. **Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA**. Fortaleza: Tese (Doutorado), Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em

Linguística, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8930/1/2014_tese_hrcurvelo.pdf> Acesso em: 03 out. 2018.

MINDA, Jorge Eduardo Calderón. **Os espaços livres públicos e o contexto local: o caso da Praça Principal de Pitalito - Huila - Colômbia**. 2009. 106 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/4496>> Acesso em: 03 out. 2018.

MORENO, Karin Gabriel; FROIS, Marcos Rodrigues. As formas e os usos dos espaços públicos em questão: análises sobre a qualidade de diferentes espaços. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, jan, 2018. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccsc/2018/01/diferentes-espacos.html>> ISSN: 1988-7833. Acesso em 01 out. 2018.

MOURA, Dulce; GUERRA, Isabel; SEIXAS, João; FREITAS, Maria João. A Revitalização Urbana: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo. **Cidades, Comunidades e Territórios**, n.012/13, p. 15-34, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10071/3428>> Acesso em: 19 out. 2018.

NUCCI, J. C. **Qualidade ambiental e adensamento urbano: um estudo de Ecologia e Planejamento da Paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP)**. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2008. 150 p. ISBN 978-85-908251-0-4.

PAULA, E.; SILVA, J.; MENEZES, P.; CARNEIRO, A. R.; MELO, V. L. A Paisagem da Caatinga: um Gesto de Burle Marx na Praça Euclides da Cunha. **Paisagem e Ambiente**, n. 29, p. 11-24, 8 out. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77423/81279>>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i29p11-24>. Acesso em 12 out. 2018.

PEREIRA, Maria José da Rocha. **A expansão urbana de São Luís: O caso do Coroadó**. 1997. 65 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1997.

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. Sistemas de espaços livres e esfera pública em metrópoles brasileiras. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 19, n. 1, p. 25-35, nov. 2012. ISSN 2178-3284. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645703/13003>>. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v19i21.8645703>. Acesso em: 12 out. 2018.

ROBBA, F; MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras/Public Squares in Brazil**. São Paulo: Universidade de São Paulo (EDUSP), 2002.

ROGERS, Ben. In defence of the realm: 10 principles for public space. In: **Making good – shaping places for people**. Edited by Richard Brown, Kat Hanna and Rachel Holdsworth. A Centre for London collection. Published by Centre for London, March 2017, cap. 2, p. 23-29.

ROSANELI, Alessandro Filla et al. Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR. **urbe, Rev. Bras. Gest. Urbana**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 359-374, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/urbe/v8n3/2175-3369-urbe-2175-3369008003AO06.pdf>>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3369.008.003.AO06>. Acesso em: 23 out. 2018.

SÁ CARNEIRO, A. R.; CASTEL-BRANCO, C.; SILVA, J. Burle Marx no Recife: restauro do jardim do aeroporto dos Guararapes como bem patrimonial. **Paisagem e Ambiente**, n. 37, p. 53-71, 26 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/105254/115684>>. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i37p53-71>. Acesso em: 12 out. 2018.

SÃO LUÍS. Lei nº 3.252 de 29 de dezembro de 1992. Dispõe sobre a instituição do plano diretor do município de São Luís, e dá outras providências. **Diário oficial do Município**. Prefeitura de São Luís, n. 88, 32 f. 15 abr. 1993.

SÃO LUÍS. Lei nº 3.255 de 29 de dezembro de 1992. Dispõe sobre a criação de zonas de interesse social - ZIS, para as quais estabelece normas especiais de parcelamento, uso e ocupação do solo e dá outras providências. **Diário oficial do Município**. Prefeitura de São Luís, n. 88, 32 f. 15 abr. 1993.

SEGAWA, H. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

VARGAS, H. C.; CASTILHO, A. L. H. (orgs). **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. São Paulo: Editora Manole, 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS MORADORES**PESQUISA DE OPINIÃO**

Descrição: Questionário elaborado para obter a opinião dos moradores do Coroadó a respeito da Praça da Conquista, objeto de estudo deste trabalho.

1. Qual o seu nome?

2. Qual sua faixa etária?

- até 16 anos 30 a 45 anos
 17 a 21 anos 46 a 60 anos
 22 a 29 anos acima de 60 anos

3. Você considera seu bairro carente de espaços de lazer/esporte?

- não
 sim

4. Sobre a Praça da Conquista (ao lado da Igreja católica), você costuma frequentá-la? Se sim, qual finalidade?

- Não
 Levar criança para brincar
 Levar criança para brincar
 Encontrar amigos
 Apenas passa por ela rapidamente
 Outro

5. Caso a resposta anterior tenha sido não, diga o motivo.

6. Sobre o estado de conservação da praça, qual característica você atribui a ela?

- Péssima Boa
 Ruim Ótima
 Regular

7. Quais problemas ela apresenta? Se quiser, pode marcar mais de uma resposta

- Falta de iluminação
 Pouca vegetação/árvores
 Pavimento degradado
 Faltam bancos para sentar
 Bancos desconfortáveis/sem encosto
 Insegurança
 Muita incidência solar (pouca ou nenhuma sombra)
 Falta limpeza
 Outro

8. Você gostaria que a praça recebesse um projeto de revitalização, com espaços equipados para o lazer/recreação?

- Sim
 Não

9. Sobre a quadra de esportes do bairro, você a utiliza?

- Sim
 Não

10. Acha que ela precisa de manutenção/reforma?

- Sim
 Não

11. Se pudesse dar uma sugestão, o que você desejaria que a praça tivesse para ser mais utilizada?